

CONEXÃO
SAFRA

A photograph showing two young women in blue shirts and jeans feeding a small black calf from a blue bucket. One woman is kneeling, holding the bucket, while the other stands behind her, holding the calf's head. They are outdoors in a dirt field with green trees in the background.

ANO 14 | EDIÇÃO 61
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
JUNHO 2025

Herança fértil

PREPARANDO A PRÓXIMA GERAÇÃO DO AGRO

PLANTE AQUI SEU FUTURO

**E TRANSFORME SEU TRABALHO
EM PATRIMÔNIO.**

PRODUTOR RURAL

**Seu esforço merece reconhecimento:
conheça nossas condições diferenciadas
para a aquisição do seu lote!**

**NA CBL O PRODUTOR
RURAL TEM CONDIÇÕES
ESPECIAIS PARA PAGAR
NA COLHEITA.**



7 MOTIVOS

PARA INVESTIR EM LOTE

1

Valorização contínua

Lotes são bem duráveis, que podem passar de geração em geração e tendem a se valorizar com o tempo, especialmente com melhorias ao redor. Diferente de imóveis prontos, não sofrem depreciação.

2

Economia

Sem condomínio, sem manutenção cara. Comprar e construir pode ser mais barato do que adquirir imóveis prontos.

3

Patrimônio

Fortalece sua credibilidade financeira, facilitando financiamentos e crédito.

4

Diversificação de investimento

Todo investidor busca diversificar seu portfólio, e investir em lotes oferece uma alternativa segura e rentável, com potencial de superar a rentabilidade do mercado de ações.

5

Segurança

Um terreno sempre estará lá, protegido por lei, sem oscilações do mercado de ações.

6

Liquidez

Um terreno possui grande liquidez: sempre há pessoas querendo morar e construir, novas famílias se formam todos os dias. Vender um lote é muito mais rápido e fácil do que outros bens.

7

Diversas possibilidades

Ao comprar um lote, você decide o que fazer com ele, adaptando às suas necessidades e expectativas financeiras. Pode ser usado para moradia, aluguel, ou revenda, com opções de pagamento flexíveis.



Acesse o QR Code e fale com
um especialista em lote

3325-4413



PROGRAMA
LOTES
cbl
PRODUTOR
RURAL

**Kátia Quedevez**

Jornalista Responsável - Editora
28 99976 1113 - MTb 18569 RJ

PROpósito, VERDADE E PARCERIAS

Desde as primeiras reportagens em nossa primeira edição, em novembro de 2011, o que nos moveu foi um olhar propositivo sobre o agro capixaba. Confesso que nunca imaginei que pudéssemos chegar onde chegamos, conquistando a audiência que conquistamos. Mas hoje, 14 anos depois, comprehendo o feito.

Três pilares podem definir bem a nossa trajetória até aqui, com a graça de Deus, vitoriosa. Primeiro, optamos por um claro propósito: o produtor rural é o protagonista do nosso trabalho. Isso é fato e não abrimos mão. Segundo: narrar as histórias pautadas na verdade, honestidade e em uma linguagem que crie interesse de quem é e até de quem não é do agro. E o terceiro pilar: conseguimos conquistar uma rede de apoiadores que busca essa comunicação direta com os produtores.

Em 2025, serão 12 mil impressos distribuídos gratuitamente, em três edições das revistas Conexão Safra e o Anuário do Agronegócio Capixaba. De janeiro a maio de 2025, foram mais de dois milhões de visualizações em nosso site conexaosafra.com. Nas redes sociais, que atualmente somam cerca de 40 mil seguidores, foram mais de sete milhões de visualizações em nossos conteúdos. E um detalhe: é jornalismo 100% sobre o agro.

São números que validam o nosso trabalho como referência da comunicação do setor e nos conectam, por meio dos nossos impressos e pelo digital, aos produtores rurais do Espírito Santo e de todo o Brasil.

Como dizem, "o sarrado subiu" e, com ele, a nossa responsabilidade em comunicar a toda a sociedade a dedicação dessas famílias que alimentam o nosso país e boa parte do mundo.

E, por aqui, temos uma edição histórica. Cooperativismo, pesca, cafeicultura, silvicultura,

turismo, eventos... O cardápio está recheado desta vez. Esperamos que apreciem a leitura!

ACIDENTES FATAIS NO CAMPO

Estamos no período da colheita de café. Momento de alegria, mas também de extremo cuidado. Acidentes com vítimas fatais têm acontecido em algumas propriedades rurais. Muitas dessas tragédias poderiam ter sido evitadas. É fundamental que haja urgência em evitar esses acidentes, obedecendo as orientações de segurança amplamente divulgada pelos órgãos de fiscalização, afinal, cada vida importa muito.

ADEUS A SEBASTIÃO SALGADO

A morte do fotógrafo e ambientalista Sebastião Salgado, ocorrida no dia 23 de maio, aos 81 anos de idade, causou comoção entre os capixabas. A vida do fotógrafo, mineiro de Aimorés, se entrelaça com o Espírito Santo. Foi na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que Salgado começou sua graduação, em Economia, no final de 1967.

Também no Espírito Santo ele encontrou seu grande amor, Lélia Wanick Salgado, em 1964, com quem se casou e teve uma parceria profissional de sucesso. Em 2025, ele foi homenageado pela escola de samba Boa Vista, campeã do Carnaval de Vitória. Também trouxe, para o Estado, em 2024, a exposição "Outras Américas", na Mosaico Fotogaleria, dos fotógrafos Gabriel Lordélio e Tadeu Bianconi. Sebastião Salgado influenciou nossa geração de jornalistas.

COLABORADORES DA EDIÇÃO**Fernanda Zandonadi****John Adão****Leandro Fidelis****Rosimeri Ronquetti****Daiane Ola / Redes Sociais****Luan Ola / Projeto Gráfico e Diagramação**

Circulação: Nacional
Edição 61: Junho 2025

Foto Capa: Nater Coop

Consultoria Jurídica
DIAS FILHO & LUCAS
Sergio Rodrigues Dias Filho - OAB ES 18.627
Renata Aparecida Lucas - OAB ES 7.642

A revista **Conexão Safra** é uma publicação da CONTEXTO CONSULTORIA E PROJETOS EIRELI-ME CNPJ: 06.351.932/0001-65

Endereço para correspondência
REVISTA CONEXÃO SAFRA
RUA RIO GRANDE DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO - GUAÇUÍ - ES
CEP: 29560-000

Anuncie
Comercial - 28 99976 1113
comercial@conexaosafra.com
Instagram: @conexaosafra

Sugestão de conteúdo
jornalismo@conexaosafra.com

**CONEXÃO
SAFRA**

MAIS EFICIÊNCIA E BAIXO CUSTO DE MANUTENÇÃO

SÉRIE A2R

SÉRIE A3F

A FORÇA DOS TRATORES VALTRA E A
EFICIÊNCIA DA MIAC ESTÃO NA PIANNA RURAL.

RECOLHEDORAS DE CAFÉ CONILON
**MIAC DOUBLE
MASTER 4CR**

ATÉ **60%**
DE ECONOMIA COM MÃO-DE-OBRA
E CACAMBA COM CAPACIDADE DE
80 SACAS

pianna
RURAL

CONFIANDO NO HOMEM, ACREDITANDO NA TERRA.

27 3373-7500
WWW.PIANNARURAL.COM.BR

Confira a agenda dos principais eventos do agro capixaba

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Fique esperto! A agenda dos principais eventos do agro capixaba (e de alguns estados vizinhos) está disponível para você se organizar e escolher sua programação. Aproveite, divirta-se, informe-se e faça bons negócios!

SUSTENTABILIDADE BRASIL

sustentabilidadedebrasil.com

Data: 11 a 14 de junho

Local: Praça do Papa – Vitória

CONEXÃO AGRO JACUPEMBA

Instagram: @conexaoagro.jacupemba

Data: 26 a 28 junho

Local: Área da Asprojac Jacupemba – Aracruz

EXPO CAFÉ VARRE-SAI 2025 (RJ)

@expocafejer

Data: 27 a 29 de junho

Local: Parque Confiança

FEIRA AGRO NATER COOP 2025

feiraagro.nater.coop.br

Data: 3 a 5 de julho

Local: Parque de Exposições Luiz Henrique Altoé – Nova Venécia

FEIRA DOS MUNICÍPIOS

www.feiradosmunicípios-es.com.br

Data: 03 a 06 de julho

Local: Parque de Exposições de Carapina – Serra

FEIRA DE AGRONEGÓCIOS DE JAGUARÉ

Instagram: @sindicaturaldejaguare

Data: 04 a 06 de julho

Local: Parque de Exposição Alfeu Sossai

ESX 2025 - INOVAÇÃO SEM FRONTEIRAS

esx.com.es

Data: 10 a 12 de julho

Local: Praça do Papa – Vitória

FEIRA AGRO NATER COOP 2025

feiraagro.nater.coop.br

Data: 17 a 19 de julho

Local: Centro de Eventos Cultural e Esportivo Sofia Arnholz Berger – Santa Maria de Jetibá

FESTA DA BANANA E DO LEITE

Instagram:

@prefeituradealfredochaves

Data: 23 a 27 de julho

Local: Parque de Exposições Alfredo Chaves

FEIRA DE AGRONEGÓCIOS COOABRIEL

Instagram: @feiracooabriel

Data: 24 a 26 de julho

Local: Área de eventos da cooperativa- São Gabriel da Palha

LIDERAGRO

Instagram: @lideraagro

Data: 31 de julho a 2 de agosto

Local: Parque de Exposição- Linhares

FEIRA DE NEGÓCIOS COOCAFÉ

Instagram: @coocafebr

Data: 31 de julho a 2 de agosto

Local: Área do Armazém Areado – Lajinha (MG)

COOCAFEST

Instagram: @coocafebr

Data: 15 de agosto

Local: Área do Armazém Areado – Lajinha (MG)

5º FEIRA DE EXPERIÊNCIAS DO TURISMO RURAL RURALTURES

ruraltures.com.br

Data: 14 a 17 de agosto

Local: Distrito Turístico de Pindobas Venda Nova do Imigrante

3º PINHEIROS AGRO SHOW

Instagram: @pinheirosagroshow

Data: 28 a 30 de agosto

Local: Gira Sol Clube

ESPÍRITO MADEIRA “DESIGN DE ORIGEM”

espiritomadeira.com.br/espirito-madeira

Data: 11 a 13 de setembro

Local: Centro de Eventos Padre Cleto Caliman (Polentão) Venda Nova do Imigrante

1º FEIRA INTERNACIONAL DO CAFÉ CONILON (FICC)

Instagram: @prefeituradejaguarees

Data: 27, 28, 29 de novembro

Local: Parque de Exposição Alfeu Sossai – Jaguaré

SEMANA INTERNACIONAL DO CAFÉ (SIC)

semanainternacionaldocafe.com.br

Data: 05 a 07 de novembro

Local: Expominas Belo Horizonte (MG)

14º SIMPÓSIO DO PRODUTOR DE CONILON E 3º SIMPÓSIO DE PESQUISAS E TECNOLOGIAS EM COFFEA CANEPHORA

Instagram: @fabio.partelli

Data: 26 e 27 de novembro

Local: Centro Universitário Norte do Espírito Santo CEUNES – São Mateus



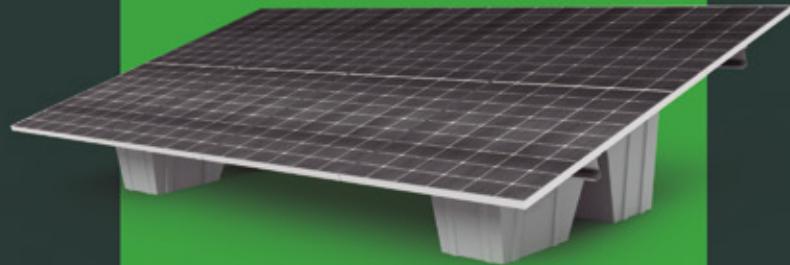
O sol é a sua nova fonte de **rentabilidade** **no campo**

Chegou a solução perfeita para o agronegócio: o Conasol, o primeiro consórcio de energia solar do Brasil. Com ele, você constrói sua usina e transforma a luz do sol em mais uma renda para sua propriedade rural.

Não deixe para depois. Invista no futuro agro mais sustentável.



**ACESSE
AGORA**



Contemplação
garantida em
até 4 meses



Sem necessidade
de lance



Economia para
impulsionar
seus lucros

CONASOL
CONSÓRCIO NACIONAL SOLAR | 



27 99773-9109



@conasolbr



conasol.com.br



***Uma nova safra:
preparando os
herdeiros da terra***

**FERNANDA ZANDONADI
E ROSIMERI RONQUETTI**
jornalismo@conexaosafra.com

“Arroz, feijão, o milho e o café, quem é que vai plantar? Fica moço, não vá! Deus deu a terra pra se plantar”. O jingle, feito para a revenda de tratores Pianna Rural, ainda ecoa no imaginário de quem viveu os anos 1980 no Espírito Santo. Era o homem do campo deixando a família na roça na busca por oportunidades na cidade grande. A esposa e os filhos pediam que ele ficasse.

Apesar do emocionante chamado, muitos moços seguiram para os grandes centros. Para dar uma ideia, apenas nos últimos 12 anos, o Brasil perdeu 4,3 milhões de moradores das zonas rurais, segundo o Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população do país, mostram os dados, é majoritariamente urbana, com 87,4% dos brasileiros morando em cidades e 25,5 milhões em áreas rurais.

Mas, como dizem na roça, “é de pequeno que se torce o pepino”. Se em 1983 o apelo para ficar na terra era voltado para o homem adulto, hoje o amor pela roça é ensinado no berço. Várias cooperativas capixabas têm desenvolvido programas para aproximar as crianças do meio rural, promover o aprendizado sobre as atividades do campo e, em muitos casos, incentivar a permanência dos jovens na roça. Essas iniciativas

reconhecem a importância da educação para garantir a sucessão familiar na agricultura e o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais.

Um exemplo concreto da proposta é o Clube da Bezerra, programa da Nater Coop que ensina de forma prática a crianças e jovens de 5 a 15 anos os segredos do manejo, nutrição e bem-estar dos animais. Destinado a filhos, netos e sobrinhos de cooperados e colaboradores, o projeto

ilustra o investimento na formação das novas gerações, fomentando a sucessão familiar e estreitando os laços entre os jovens e o agronegócio.

“O programa surgiu com a proposta de incentivar a sucessão familiar no agronegócio, fortalecendo o vínculo das novas gerações com o campo. O Clube da Bezerra inspira futuros gestores e produtores rurais a se conectarem com o meio rural desde cedo, promovendo uma formação consciente e preparada para os desafios do setor”, explica o presidente da Nater Coop, Denilson Potratz.

O CLUBE DA BEZERRA ENSINA DE FORMA PRÁTICA A CRIANÇAS E JOVENS DE 5 A 15 ANOS OS SEGREDOS DO MANEJO, NUTRIÇÃO E BEM-ESTAR DOS ANIMAIS

ARQUIVO NATER COOP



Denilson Potratz, presidente da Nater Coop

A primeira edição do programa ocorreu em 2024 e alcançou crianças e adolescentes de seis municípios onde a cooperativa atua; este ano, a expectativa é ainda mais promissora. "Com a experiência acumulada da edição anterior, o Clube da Bezerro vem ganhando cada vez mais adesão e engajamento por parte das famílias envolvidas", salientou Potratz.

Mariana, de oito anos, participou no ano passado e achou a ideia "muito ótima", como ela mesma disse. "Foi muito legal. Eu me diverti, conheci pessoas novas. Aprendi como alimentar a bezerra, que se chama Jade,

aprendi a dar os remédios dela. Eu sempre gostei de brincar com os animais, de cuidar", contou a pequena, em um depoimento que reforça o sucesso do programa, que tem o objetivo de criar laços afetivos e de conhecimento com o meio rural desde a infância.

Moradores de Córrego da Assembleia, em Nova Venécia, os pais de Maria-

na, Magno de Vasconcelos e Rúbia Scotta Braga, estão no ramo de pecuária leiteira há anos. Eles contam que incentivam a filha a participar da lida no campo, indo para a ordenha pela manhã e ajudando com a alimentação do gado.

"Quando eu soube do Clube da Bezerro, fiquei muito feliz. Sempre participamos de feiras e reuniões, e incluir as crianças em atividades assim foi muito bonito de ver, porque elas se ajudam. Elas têm um grupo no WhatsApp e é lindo ver cada um colocando sua bezerrinha, como estão cuidando. Quando veio o segundo filho, eu e Mariana ficamos um pouco afastadas da lida no curral. Então decidimos colocá-la no projeto para despertar nela vontade de estar ali no meio novamente. É também uma forma de incentivar e retomar nela o gosto pelo cuidado com os animais e o desejo de ficar no campo", contou Rúbia.

Nivaldo Bening e Josine Boning Bening são proprietários do sítio Pedra Grande, em Vila Pavão, e pecuaristas desde 2008. O rebanho do casal é formado por animais de melhoramento genético, com alta produção leiteira. O investimento

Mariana Scotta Braga participou da primeira edição do programa

ARQUIVO PESSOAL



O OBJETIVO É CRIAR LAÇOS AFETIVOS E DE CONHECIMENTO COM O MEIO RURAL DESDE A INFÂNCIA

DIVULGAÇÃO NATER COOP



Formatura da primeira edição do Clube da Bezerra

timento na propriedade e no gado é também uma forma de deixar um legado para os herdeiros. “A permanência dos filhos na propriedade é necessária, mas eles precisam sair para adquirir novos conhecimentos e colocar em prática aqui”, explica Nivaldo, que já tem o filho mais velho,

Jonivan, formado no curso técnico em Agropecuária.

Cooperados na Nater Coop há 15 anos, o casal decidiu, então, colocar o filho mais novo, Gabriel, de 13 anos, no Clube da Bezerra. “É uma iniciativa importante, pois é um espaço onde as crianças aprendem, se conectam com os animais e desenvolvem

valores para a vida toda. Depois da experiência, ele se envolveu mais com as atividades e já quer participar da segunda edição”, conta o pai.

“Aprendo sobre manejo, cuidados e bem-estar dos animais, com isso, posso colaborar ainda mais na propriedade da minha família. Gostei de participar das rodas de conversa e mostrar o trabalho da nossa família com melhoramento genético”, aprova Gabriel.

OS HERDEIROS DO CAMPO CAMILHANDO A SEU TEMPO

Também de olho no futuro, a Cooabriel, outra importante cooperativa capixaba, direciona seus esforços para o futuro da gestão das propriedades rurais. Ciente da importância de preparar as

novas gerações para a continuidade dos negócios familiares no campo, a cooperativa lançou o Programa Herdeiros do Campo.

A iniciativa surgiu de uma demanda interna da Cooabriel, que buscava uma forma de conscientizar seus cooperados sobre a necessidade de um planejamento sucessório bem estruturado. Ao tomar conhecimento de programas parecidos implementados em cooperativas do Paraná, a Cooabriel estabeleceu uma parceria com o Sistema Faes/Senar-ES/Sindicatos Rurais para

DIVULGAÇÃO SENAR/ES

Turma Herdeiros do Campo de Jaguaré

trazer o Herdeiros do Campo para o Espírito Santo. O programa, originalmente idealizado pelo Sistema Faep/Senar-PR, chegou ao Estado por meio de um termo de cooperação.

O objetivo central do Herdeiros do Campo é despertar nas famílias rurais a importância do planejamento sucessório em suas três dimensões interligadas: a propriedade em si, a dinâmica familiar e a empresa rural. A primeira edição do programa no Espírito Santo foi realizada em São Gabriel da Palha, em 2023. No ano seguinte, alcançou os municípios de Aracruz, Águia Branca e Nova Venécia, e capacitou 41 famílias.

Atualmente, o programa segue sua jornada de impacto, com a conclusão das 5ª e 6ª turmas nos municípios de Boa Esperança e Jaguaré, reunindo a participação ativa de 20 famílias dedicadas a construir um futuro próspero para suas propriedades.

Para integrar o Herdeiros do Campo, um critério essencial é o envolvimento de, no mínimo, duas gerações da mesma família nos

"É FUNDAMENTAL OLHAR PARA O FUTURO E PREPARAR AS PRÓXIMAS GERAÇÕES PARA DAR CONTINUIDADE À ATIVIDADE RURAL". LUIZ CARLOS BASTIANELLO, PRESIDENTE DA COOABRIEL

meus irmãos e eu com minhas filhas. Foi uma ótima iniciativa, pois prepara os cooperados para realizarem a sucessão de forma harmoniosa e sem conflitos, além de garantir o futuro da família no campo", diz Suelison.

As filhas, Yasmin, estudante de Fisioterapia, e Yandra, aluna do 8º ano do ensino fundamental, já nutriam o desejo de dar continuidade ao trabalho no campo, conciliando suas futuras profissões com a produção rural. A participação no programa Herdeiros do Campo intensificou ainda mais o interesse pelo negócio familiar.

A experiência no programa proporcionou à família Valiatti uma melhor visão sobre a propriedade, a dinâmica familiar e a empresa rural. "Isso nos mostrou as possibilidades que devemos superar e como nos preparar para uma sucessão eficiente e natural", finaliza Suelison.

encontros, com integrantes a partir dos 15 anos de idade. Essa premissa garante a troca de experiências e perspectivas entre diferentes faixas etárias, enriquecendo o aprendizado e fortalecendo os laços familiares em torno do futuro da propriedade.

PLANTANDO SEMENTES

Na comunidade do Valiatti, em Jaguaré, a Fazenda das Flores é o centro da vida e do trabalho da família Valiatti. Suelison e Rosângela, juntamente com suas filhas Yasmin, de 19 anos, e Yandra, de 13, dedicam-se ao cultivo de café, pimenta-do-reino, cacau e eucalipto. A família está vivendo de perto o processo de sucessão, com o pai de Suelison transferindo gradualmente a propriedade para os filhos.

"Estamos em dois grupos familiares, eu com

CONTINUIDADE EM BOA ESPERANÇA

No Sítio Boa Vista, em Rio do Norte, Boa Esperança, Solimar Marcos Bolsanelo cultiva café e pimenta-do-reino, mantendo viva a tradição agrícola familiar. Seu filho, Luiz Antônio Rodrigues Bolsanelo, de 17 anos, estudante do ensino médio, e sua mãe, Ana Maria Bonfante Bolsanelo, de 71 anos, representando a primeira geração, também participaram do Programa Herdeiros do Campo.

A decisão de participar do programa foi motivada pela compreensão da importância da sucessão familiar para a

DIVULGAÇÃO SENAR/ES



Três gerações da família Bolsanelo participaram do programa Herdeiros do Campo

manutenção e a continuidade dos negócios da família Bolsanelo. “Com o programa, tivemos a oportunidade de conhecer melhor a importância do diálogo entre os membros da família no âmbito da partilha de bens. Também entendemos a diferença entre herdeiros e sucessores, família e negócio e os aspectos jurídicos do direito à herança”, conta Solimar.

A participação no Herdeiros do Campo também influenciou a escolha profissional de Luiz Antônio, que decidiu cursar Agronomia, visando contribuir com novas ideias e implementar mudanças inovadoras no negócio da família. Ele reconhece a relevância do curso para o mercado de trabalho do agronegócio na região e no Brasil, acompanhando de perto as tendências de uma agricultura mais sustentável.

“O desejo de permanecer no campo sempre esteve presente. Após o programa, no entanto, ele aumentou, pois descobri a importância

da continuidade do trabalho no campo”, disse Luiz Antônio.

OLHOS ATENTOS E BONS FRUTOS

Nadya Bronelle, coordenadora de relacionamento com os cooperados da Cooabriel, acompanha de perto o desenvolvimento e o impacto do Programa Herdeiros do Campo. Sua perspectiva oferece informações sobre o perfil das famílias participantes, o processo de adesão e os pontos em comum observados.

Segundo Nadya, as famílias que integram o programa são proprietárias rurais, com o envolvimento de mais de uma geração. Um requisito essencial é que pelo menos uma dessas gerações seja cooperada da Cooabriel. Além disso, todos os membros participantes devem ter idade superior a 15 anos.

“A adesão é voluntária e ocorre por meio de um convite para uma reunião de sensibilização, onde as diferentes gerações da família têm a oportunidade de conhecer a metodologia do

programa e o cronograma de atividades. A partir daí, as famílias que se identificam e se comprometem com a proposta, confirmam sua participação”.

Ela cita, como ponto em comum entre as famílias que já participaram do Herdeiros do Campo, a preocupação com o futuro de suas propriedades rurais. “Antes, o tema da sucessão era quase um tabu, mas, com o programa, o diálogo se tornou mais aberto, permitindo que todos compreendessem a importância de planejar a sucessão de forma estruturada”.

A participação dos jovens cresce a cada edição. Nadya destaca a maturidade, a curiosidade e, principalmente, a satisfação dos mais novos por serem ouvidos e valorizados. “Eles se sentem valorizados ao poderem contribuir com suas ideias e participar ativamente das decisões familiares relacionadas ao futuro da propriedade”.

Ao final de cada ciclo do programa, a Cooabriel organiza uma formatura especial, um momento de celebração que envolve toda a família, inclusive aqueles que não participaram diretamente dos cursos. Nesse evento significativo, são apresentados os resultados alcançados, ocorre a entrega dos certificados de conclusão e é realizada uma palestra com um especialista do Senar. É uma oportunidade valiosa para a integração das famílias com os parceiros envolvidos e para o fortalecimento dos laços com a cooperativa.

COMPROMISSO COM AS NOVAS GERAÇÕES

Luiz Carlos Bastianello, presidente da Cooabriel, reforça a visão da cooperativa sobre a importância da sucessão familiar, um tema que transcende o meio rural e se faz presente também no contexto urbano. Ele observa que o processo sucessório muitas vezes recebe pouca atenção, especialmente na atividade rural, onde frequentemente é confundido com a mera transferência patrimo-

nial. Bastianello enfatiza que a sucessão é, na verdade, um processo amplo e complexo, que exige diálogo aberto, preparação cuidadosa e a transmissão de conhecimento entre as gerações.

“Na Cooabriel, entendemos que é fundamental olhar para o futuro e preparar as próximas gerações para dar continuidade à

atividade rural. O processo sucessório é vital não apenas para a produção no campo, mas também para a perenidade do cooperativismo, garantindo que os sucessores

compreendam o propósito de uma cooperativa. Se esse aspecto não for trabalhado, existe possibilidade de os filhos dos cooperados migrem para outras atividades, inclusive fora do meio rural”.

O AMOR À TERRA SE APRENDE NA ESCOLA

DIVULGAÇÃO CAFESUL



Alunos da Escola Senador Dirceu Cardoso

Assim como a Nater Coop e a Cooabriel direcionam seus esforços para formar a próxima geração do agronegócio, a Cafesul, outra cooperativa capixaba, adota uma abordagem inovadora para aproximar as crianças do universo do campo e do cooperativismo: a Feira de Ciências nas escolas de Muqui.

Carlos Renato Theodoro, presidente da Cafesul, compartilha o entusiasmo da cooperativa em trabalhar em estreita colaboração com as escolas do município. Essa parceria

se materializa em diversas atividades, culminando na realização anual da Feira de Ciências, durante o Festival de Cafés Especiais da Cafesul.

“Em uma das feiras, as crianças constituíram o grupo como se fosse uma cooperativa para poder fazer o trabalho dentro da escola. Depois, eu fui lá visitar e agradecer pela participação. Uma menininha me falou, então, que já tinham eleito o presidente e tudo mais para a coop que eles criaram. Eles ficaram muito estimulados e tivemos a certeza de que essa é uma forma excelente de a gente divulgar o cooperativismo, o comércio justo e a sustentabilidade ambiental, social e econômica”, relatou Renato.

Lorena Castro, professora de Química da Escola Senador Dirceu Cardoso, compartilha a empolgação dos alunos com a Feira de Ciências. Em 2023, sua turma do 3º ano do ensino médio conquistou o primeiro lugar com o projeto do gloss labial de café. O sucesso inspirou os alunos a aprimorarem o produto para a Feira de Ciências da escola, onde também criaram um

DIVULGAÇÃO CAFESUL



Gloss de café desenvolvido por alunos de Muqui para a Feira de Ciências

sabonete de café. No ano seguinte, o projeto inovador foi apresentado em um evento do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), demonstrando o potencial científico e empreendedor dos jovens.

A professora explica que o edital da feira enfatizava a cafeicultura e a sustentabilidade. A proposta dos alunos de utilizar as sobras do Café Casario, um café mais forte com um aroma marcante que não seria comercializado, para a produção do gloss, agregou valor a um resíduo da produção. As embalagens retornáveis, com um processo de esterilização para reutilização, demonstraram ainda a preocupação dos jovens com a sustentabilidade. “É uma forma de agregar valor ao nosso café, ao nosso município”, explica a professora.

Em 2024, o projeto vencedor da Escola Senador Dirceu Cardoso, intitulado "Ecos da

Terra: café e cana sustentáveis", demonstrou a capacidade dos alunos dos ensinos fundamental e médio em integrar diferentes áreas do conhecimento. Eles produziram etanol a partir desses materiais, utilizando-os como biofertilizante químico.

“Projetos como esses motivam muito a participação dos alunos. Eles são o foco do processo, os alunos são protagonistas. Muitas ideias partiram deles, como a do gloss, a criação da marca, do rótulo. E eles não apenas iam para o laboratório, mas estudavam os processos químicos e biológicos, liam materiais científicos e entendiam os processos”, finaliza a professora Lorena Castro.

PLANTANDO O AMANHÃ

A Coocafé, outra cooperativa com forte atuação no Espírito Santo e em Minas

Gerais, demonstra seu compromisso com o futuro do agronegócio por meio do projeto Escola no Campo. Para Fernando Cerqueira, diretor presidente da Coocafé, essa iniciativa vai além de um simples programa educacional, representando um investimento fundamental no futuro da região e do setor.

“O foco do projeto está em estudantes do 5º ano do ensino fundamental, e em temas relacionados ao meio ambiente, sustentabilidade, cooperativismo, uso da água e energia, e direitos das crianças e adolescentes. O projeto também incentiva a sucessão familiar nos negócios e a boa convivência entre pessoas de diferentes gerações nas famílias rurais. Participam escolas que estão dentro das áreas de atuação da cooperativa. Esse é o único critério”, explicou Cerqueira.

Em 2024, o projeto foi implementado em 13 cidades. Atualmente, a Coocafé possui unidades comerciais em 16 municípios, e a meta é expandir o Escola no Campo para todas essas localidades já em 2025. O tema central da edição

DIVULGAÇÃO COOCAFÉ



Festa de encerramento do projeto Escola no Campo de 2024

de 2024 foi "Cooperando com o amanhã e com a sustentabilidade no campo".

A edição de 2024 envolveu um total de 1.100 estudantes do 5º ano do ensino fundamental de 42 escolas públicas e cooperativas de educação de Minas Gerais e do Espírito Santo. O projeto reconhece e premia o esforço dos alunos, com premiações do 1º ao 10º lugar, além de valorizar o trabalho dos professores, premiando os responsáveis por orientar os alunos dos três melhores trabalhos.

O Escola no Campo leva palestras interativas e informativas para as escolas, proporcionando discussões e reflexões sobre os avanços da sustentabilidade no campo e os benefícios

do cooperativismo agropecuário para os produtores rurais e suas famílias.

“O principal objetivo do Escola no Campo é promover o desenvolvimento e a educação de crianças da rede pública, com idades entre 10 e 11 anos. Por meio de atividades pedagógicas diversificadas, o projeto aborda temas essenciais como meio ambiente, cooperativismo, uso consciente da água e da energia,

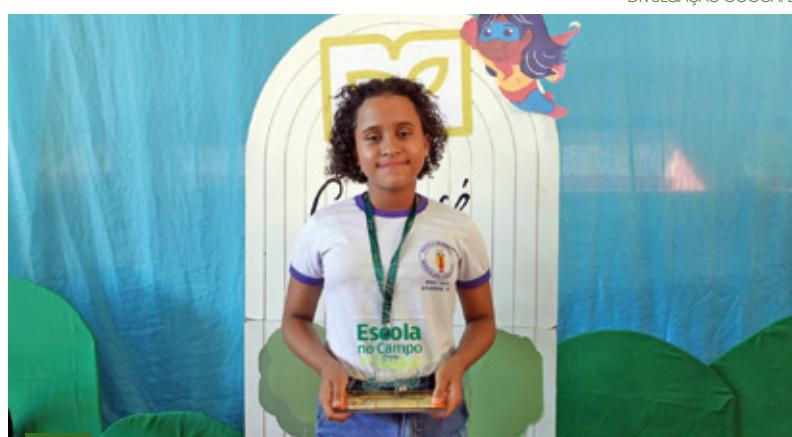
sustentabilidade e os direitos das crianças e adolescentes”.

As famílias também desempenham um papel importante no Escola no Campo. Os alunos recebem um material didático especial, o “Guia para a Família”, que aborda temas como sustentabilidade, alimentação saudável e a importância do brincar como forma de aprendizado. Esse material busca envolver e sensibilizar os pais e responsáveis para que também participem ativamente da formação de seus filhos, reforçando os valores e os conhecimentos transmitidos pelo projeto.

RESULTADOS POSITIVOS

Edna Moreira de Oliveira, pedagoga na Secretaria de Educação de Irupi e coordenadora de projetos no município, acompanha de perto os resultados positivos da parceria com o Escola no Campo da Coocafé. Irupi participou em 2023 e 2024, com alunos premiados em ambas as edições, e planeja uma participação ainda maior em 2025, envolvendo 102 alunos de quatro escolas municipais.

“O projeto valoriza os saberes do campo e estimula o vínculo dos estudantes com sua cultura e território e valoriza a agricultura familiar por meio do estímulo ao respeito e o orgulho pela atividade agrícola local, combatendo preconceitos e evasão rural e incentiva as novas gerações a permanecerem no campo com conhecimento técnico e senso de pertencimento”, avalia.



A estudante Micaela da Silva Bernardino ficou em 1º lugar em 2004

Feira Agro

Nater Coop

2025

 A vez de quem faz!

03 a 05 JULHO | NOVA VENÉCIA

Parque de Exposições Luiz Henrique Altoé

17 a 19 JULHO | SANTA MARIA DE JETIBÁ

Centro de Eventos Cultural e Esportivo Sofia Arnholz Berger

**Feita para os
produtores
rurais e suas
famílias!**



Saiba mais no site
feiraagro.nater.coop.br
ou leia o QRCode!



O grito silenciado das protagonistas das águas e das marés

Pescadoras no Rio Santa Maria da Vitória

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

“A senhora não pode tirar a caderneta de pesca, a senhora é mulher. Vai cuidar dos seus filhos e lavar as roupas do seu marido quando ele chegar do mar”. Foi essa a frase que a pescadora Ana Paula dos Reis Santos Marvila, 47 anos, de Marataízes, no litoral Sul do Espírito Santo, ouviu do oficial da Marinha, há 18 anos, quando foi fazer o documento que permitia que ela pescasse em alto mar.

“Cansadas de escutar que a gente estava limpa, arrumada demais, de unhas feitas, e não tinha como a gente ser pescadora, quando procurávamos o INSS em busca dos nossos direitos, um dia tomamos banho de água suja de camarão, juntas, cerca de

35 mulheres, e fomos ao INSS para demonstrar nossa força e para chamar a atenção dos atendentes”.

Já o depoimento que você acaba de ler, quem contou a nossa reportagem foi a Luciara Ferreira da Silva, 48 anos, conhecida por Ciara da Pesca em Conceição da Barra, Norte do ES, e em todo Estado por sua luta em prol dos direitos das pescadoras capixabas.

“A gente tentava tirar a carteirinha de pesca e diziam que só os homens podiam, sendo

que tinham mais mulheres no rio pescando que homens. Quando vinha a fiscalização e encontrava a gente pescando, retiravam os barcos, as redes, as tarrafas, carregavam tudo, e algumas vezes queimavam. Diziam que não podia pescar sem a carteirinha. Foi uma luta, foram muitos anos tentando. A gente saía aqui da Barra e ia para Vitória na Capitanía, fazer pressão até conseguir”.

Essa é a dona Luciene Lopes Clarindo, 57 anos, pescadora aposentada da Comunidade de Barreiras,

ARQUIVO PESSOAL



A Gerente de Projetos e Programas Sustentáveis da Secretaria da Agricultura, Aquicultura, Abastecimento e Pesca (Seag), Patrícia Ferraz

Ponta do Sul, em Conceição da Barra. O relato da Ana Paula, da Ciara e da dona Luciene estão longe de serem os únicos e refletem a invisibilidade e desvalorização histórica das pescadoras.

Para se ter uma ideia, apesar de ser uma prática antiga das mulheres, só em 2009, por meio da Lei Federal nº 11.959, a contribuição feminina na cadeia produtiva da pesca foi oficializada como apoio de pesca. O reconhecimento da mulher como “pescadora profissional artesanal” é ainda mais recente, aconteceu há apenas 10 anos. O decreto nº 8.425/2015 que regulamenta a Lei nº 11.959/2009, permitiu a inscrição delas no Registro Geral de Pesca (RGP).

Com o decreto, as mulheres passaram a ter direito, por exemplo, ao seguro-defeso, benefício financeiro pago durante o período de defeso, quando a pesca é proibida para proteger as espécies. O

reconhecimento das atividades das marisqueiras só ocorreu em 2019 com a Lei nº 13.902, que dispõe sobre a política de desenvolvimento e apoio às atividades das mulheres marisqueiras.

Vale aqui esclarecer que a definição de “pesca”, abrange também o pós-captura e o processamento do pescado, e não se refere só a peixes, mas a qualquer recurso natural vindo da água com fins alimentícios, como camarões e mariscos.

A Gerente de Projetos e Programas Sustentáveis da Secretaria da Agricultura, Aquicultura, Abastecimento e Pesca (Seag) Patrícia Ferraz, que coordenou o projeto “Elas no Campo e na Pesca: empreendedorismo, liderança e autonomia”, desenvolvido pela Seag sob a gestão técnica e operacional do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), em 2019, fala dos desafios do ofício para as mulheres.

“A invisibilidade das pescadoras é um problema que tem várias dimensões, tais como

divisão sexual de trabalho, estereótipos de gênero, falta de dados e pesquisas, dificuldade de acesso a recursos e direitos, condições de vida e trabalhos precários”, ressalta a gerente.

Patrícia explica ainda que “promover a visibilidade das mulheres pescadoras requer uma abordagem multifacetada, incluindo a coleta de dados específicos de gênero, políticas inclusivas, capacitação e empoderamento das mulheres e a conscientização sobre a importância do trabalho que elas realizam”.

ONDE A REDE NÃO ALCANÇA, CHEGA A VOZ

Por mais desafiadora que seja a realidade das pescadoras brasileiras na atualidade, acredeite, já foi bem pior. Para chegar onde estão hoje, com os direitos alcançados em 2009, 2015 e 2019, elas enfrentaram vários obstáculos. No início dos anos 2000, em 2003, para ser mais precisa, elas participaram da 1ª Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca, em Brasília.

Deram ali o pontapé inicial para um movimento nacional que culminou na criação da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP), em 2005. Dona Maria de Lourdes Leppaus Dias, 65 anos, pescadora aposentada que mora em Jacaraípe, em Serra, é quem conta melhor essa história. Ela estava na Conferência de 2003, ajudou a criar a ANP e até hoje, mesmo aposentada, continua em busca de melhorias para as pescadoras.

O ESPÍRITO SANTO TEM 33.916 PESCADORES REGISTRADOS, DESSES, 15.193 SÃO MULHERES, O QUE REPRESENTA 44,8% NO BRASIL, ELAS SÃO 49,75% DOS PESCADORES.



CLÁUDIO COSTA

O programa Elas no Campo e na Pesca, da Secretaria de Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), tem como objetivo fortalecer o papel das mulheres no setor rural, especialmente na agricultura e na pesca no Espírito Santo. Ele busca melhorar a qualidade de vida, apoiar empreendimentos femininos e promover a autonomia econômica e financeira das mulheres que trabalham no campo

“Nossa luta era por respeito e reconhecimento, pelos homens e pelo governo, para um trabalho que nós sempre fizemos. A gente queria sair do anonimato, e desde a primeira Conferência nós lutamos muito por isso. Em 2005, já fizemos uma conferência só nossa, e continuamos até hoje nessa empreitada”, lembra dona Fia, como é conhecida.

A marisqueira e presidente da Associação de Pescadores Artesanais de Porto de Santana e Adjacências, no município de Cariacica, Rosinéa Pereira Vieira, 51 anos, que há 11



CLÁUDIO COSTA

Mulheres da pesca reunidas na sede da associação, em Itapemirim, para beneficiar o pescado

anos não pesca mais devido a um desligamento do tendão do calcâncar, acometido pelo serviço na lama, e hérnias de disco, diz que “as pescadoras enfrentam uma violência institucional e o não reconhecimento da previdência social quando procuram o órgão devido às doenças ocupacionais da pesca”.

Ela reitera, ainda, que continuarão lutando. “Vamos insistir e bater nesta tecla de que a previdência não contempla as nossas demandas, e a gente luta a vida inteira para que o INSS possa ter esse olhar, e vamos continuar lutando”.

_ANCORARAM DIREITOS ONDE SÓ HAVIA DESCASO

Enquanto o poder público se move, mesmo que lentamente, em direção ao reconhecimento e valorização das mulheres da pesca no Brasil, no Espírito Santo elas não estão e nunca estiveram de braços cruzados. Para continuar resistindo e fazer as vozes das pescadoras chegarem mais longe, elas se organizaram e formaram grupos de Norte a Sul do Estado.

Neta e filha de pescadores, Lucila da Rocha Lopes, presidente da Z-10, colônia de pescadores de Itapemirim, diz que já nasceu na pesca e não sabe precisar há quanto tempo exerce a profissão. O que ela sabe é que até hoje, aos 53 anos, ainda se sente invisível e percebe o preconceito das pessoas.

Em busca de reconhecimento e garantia de direitos, em 2008 Lucila ajudou a criar a Associação Mulheres da Pesca de Itapemirim. “Minha mãe e avô não entendiam o preconceito; eram muito simples, mas nós começamos a acessar as informações. A gente estava cansada de ver os homens terem direitos e acessos que as mulheres não tinham, então, a formação da Associação Mulheres da Pesca contribuiu para a afirmação do protagonismo feminino na pesca”, ressalta.

Maura Bessa, natural de Alegre, pesca desde criança. Ela aprendeu a profissão no rio Itapemirim, que corta o município onde nasceu. Acostumada a ficar até quatro dias acampada nas margens do manancial pescando, quando se mudou para Itapemirim, já casada, se juntou a Lucila na luta pelas pescadoras e marisqueiras.

“Não somos levadas a sério, nunca nos dão credibilidade. Muita gente não sabe nem que a gente existe, isso inclusive para o poder público. Por isso nos unimos. Acho que temos o direito a igualdade, e se a gente não lutar por nós, quem vai lutar?”, questiona a pescadora, que também é artesã e faz peças com conchas.

Juntas elas conseguiram mudar uma lei municipal que dizia que apenas os produtos da agricultura familiar podiam ser comercializados na feira do município. “Só depois que a associação brigou para participar da feira é que incluíram a pesca e a aquicultura na lei e nós conseguimos o direito de vender nosso produto”.

Outra conquista foi a reforma e adequação do

espaço, cedido pela colônia, para elas se instalarem e processarem o pescado, feita por meio de editais. Agora elas aguardam recursos de um edital da Petrobras para fazer uma nova adequação para atender os requisitos do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

Outra iniciativa é a busca, junto a Defensoria Pública Estadual, para aquisição do Catrapovos, "Comissão de Alimentos Tradicionais dos Povos". Modelo promissor para a promoção da alimentação escolar saudável, ao mesmo tempo em que apoia a geração de renda e a valorização dos alimentos produzidos por comunidades tradicionais.

Mudam o município e a região, mas a história se repete. Em Conceição da Barra, a pescadora, dona de barco e peixaria, Ciara da Pesca, aquela do banho de água de camarão, juntou as mulheres e em 2014 criou a Associação de Pescadores, Marisqueiras e Catadores de Caranguejo de Conceição da Barra. A associação conta com mais de 300 pescadoras de Conceição da Barra, São Mateus, Pedro Canário, e outros municípios vizinhos.

"Sou filha de pescador e sempre lutei pelas pescadoras; ainda tem muito preconceito, só que não damos mole. Nós temos muitas mulheres aqui que trabalham na pesca, pescadoras de rio, marisqueiras, catadoras de caranguejo que ajudavam no sustento de casa e não tinham reconhecimento. Fundamos a associação para empoderar essas mulheres", pontua Ciara.



ARQUIVO PESSOAL

Rosinéa Pereira Vieira é presidente da Associação de Pescadores Artesanais de Porto de Santana e sempre lutou pelas pescadoras

Ela lembra que, quando a associação foi constituída, muitas mulheres eram pescadoras, mas não tinham a documentação que comprovava. "Nosso maior trabalho foi esse, de reconhecer, colocar elas no mesmo patamar dos homens. Trabalhamos para que tirassem a carteirinha e agora elas podem requerer seus benefícios".

Por meio da associação, as pescadoras participaram de capacitações, entre elas de culinária com pescado e palestras sobre diversos assuntos relacionados ao universo feminino. "Fizemos campanhas para trabalhar a autoestima delas, dia de beleza, incentivamos para cuidarem das unhas, cabelo, maquiagem, se acharem bonitas, e elas tomaram posse desse empoderamento".

A Associação de Pescadores Artesanais de Porto de Santana,

aquela que a Rosinéa é presidente, é comandada por mulheres. Além dela, toda a diretoria e o conselho fiscal são compostos por mulheres e a maioria dos associados são mulheres marisqueiras, 45 no total, que vivem exclusivamente da pesca.

Rosinéa diz que vai em busca de tudo o que é voltado para as mulheres e muitos trabalhos são desenvolvidos em prol das pescadoras. Uma das conquistas que se orgulha, e que foi possível graças ao empenho da associação, é a criação do Dia Municipal das Marisqueiras de Cariacica, instituído pelo executivo municipal.

"Politicamente somos vistas como minoria, invisíveis mesmo. É um descaso. As associações trazem inúmeras possibilidades. São um canal de busca de melhorias em várias frentes. Sem dúvida, o fato de estarem reunidas em grupos melhorou muito a vida das pescadoras e marisque-

CLÁUDIO COSTA



Quando chegam com os mariscos, o trabalho continua

ras. As associações são muito importantes para representatividade das pescadoras".

Outra conquista importante, alcançada por meio dos coletivos, apontada Fia, é em relação à consciência das pescadoras. A aposentada conta que as associações também são importantes para levar informações. Ela lembra que até pouco tempo atrás as mulheres tinham vergonha de se identificar como pescadoras, e isso já mudou muito, graças às associações.

"Devido à discriminação das pessoas, elas chegavam nos lugares, como nas unidades de saúde, ou na hora de fazer o cadastro único, e não diziam que eram pescadoras, elas falavam que eram donas de casa. Hoje estão mais conscientes dos seus direitos, já se reconhecem como pescadoras e não têm vergonha do que fazem, graças às associações".

Por meio de nota, a Defensoria Pública do Espírito Santo disse que o processo de articula-

ção para o Catrapovos está em curso, mas não é possível definir um prazo para a finalização do processo. "A Defensoria Pública segue analisando, de forma criteriosa, todas as possibilidades de inclusão das pescadoras e marisqueiras em programas públicos que estejam compatíveis com a realidade da comunidade". A nota esclarece ainda que "trata-se de um processo que exige estudos minuciosos, razão pela qual ainda não é possível estabelecer uma previsão concreta para a finalização das ações".

_COM REDE, REMO E RESISTÊNCIA, ELAS MOLDAM A NOVA ECONOMIA

Dados do Painel Unificado do Registro Geral da Atividade Pesqueira, do Ministério da Pesca e Aquicultura, de 30 de abril de 2025, mostram que o Espírito Santo tem 33.916 pescadores registrados, desses, 15.193 são mulheres, o que representa 44,8%. No Brasil, elas são 49,75% dos pescadores.

De ponta a ponta do extenso litoral capixaba, que se estende por aproximadamente 410 quilômetros, banhando 14 municípios costeiros, estão registradas e localizadas 48 comunidades pesqueiras artesanais compostas por pescadores e pescadoras.

Elas sabem remar, colocar as redes, jogar tarrafa, catam caranguejo, tiram sururu, remendam as redes para os maridos, pescam em rios, lagoas e em alto mar. No pós-captura do pescado o trabalho delas continua em diferentes postos, especialmente na arte de mariscar, tarefa que os homens não têm muito cuidado e paciência.

As mulheres presentes na cadeia produtiva artesanal da pesca descascam camarão, limpam e filetam peixes e mariscos, cozinham o sururu, embalam e comercializam o que produzem. A economia azul, que compreende vários setores, incluindo pesca e aquicultura, busca um equilíbrio entre crescimento econômico, proteção ambiental e equidade social nos oceanos e áreas costeiras.

Neste contexto, as pescadoras têm papel fundamental. Não por acaso, o Programa de Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Atividade Pesqueira, prestes a ser lançado no Espírito Santo pela Seag, trata do tema por meio do Fomento à Economia das Marisqueiras e Mulheres da Pesca.

“Quase que 100% do artesanato de conchas, a produção de alimentos e alguns processados, derivados da pesca, e o beneficiamento de mariscos é feito por mulheres, por isso é extremamente relevante do ponto de vista econômico e social, incentivar as mulheres da pesca”, disse Enio Bergoli, secretário de Agricultura do Estado.

O programa impulsiona iniciativas relevantes alinhadas aos princípios da economia azul no Espírito Santo e conta com 33 eixos estratégicos voltados ao desenvolvimento sustentável do setor pesqueiro.

“Pesquisas apontam que a renda média das famílias dos pescadores é muito baixa em todo o Brasil. Então ter opção de gerar emprego e renda para as pescadoras e marisqueiras ajuda na renda e qualidade de vida das famílias”, comenta Bergoli.

Entretanto, muito antes do termo economia azul ser criado em 2009 pelo economista belga Gunter Pauli, elas já ajudavam no sustento da família ou, em muitos casos, eram a única renda da casa.

“Muitas ‘seguram a onda’ com o trabalho de pesca. Tem mulheres aqui que são verdadeiras máquinas; eu admiro demais as marisqueiras e pescadoras. Temos pescadoras



Cozimento do sururu, outra etapa do beneficiamento da iguaria



Lucila e a Lucimesia Pereira Bettcher

que ficam mais de 18 horas em pé, ajudam os maridos na confecção da rede, na limpeza do pescado, trabalham muitas vezes até mais que eles. Algumas, viúvas, separadas. Tiram o sustento só da pesca”, relata Ciara.

Os exemplos estão por toda parte. A Ana Paula, aquela aconselhada pelo oficial da Marinha a cuidar dos filhos e a lavar as roupas do marido, conseguiu a autorização para pescar em alto mar e sempre ajudou no sustento da casa, mesmo antes de tirar a documentação.

CLÁUDIO COSTA



Maura se orgulha de dizer que formou o filho com recursos da pesca

"Pisco desde os meus 13 anos de idade. Aprendi a pescar no mar com o meu pai e sempre trabalhei com isso. Já cheguei a ficar em alto mar por cinco dias. Faço de tudo, pisco, pego sururu, pisco embarcada e desembarcada. A pesca é muito importante na minha vida e sempre ajudou no sustento da minha casa, ajudei a criar os meus quatro filhos com o dinheiro da pesca", conta Ana Paula.

Juliana Lopes Clarindo, 38 anos, de Conceição da Barra, filha da dona Luciene, assim como a mãe, nasceu e cresceu na pesca. Ela tem três filhos, de 4, 9 e 12 anos, e o sustento deles também vem da pesca. "Comecei tirando caranguejo com a minha mãe, depois aprendi a colocar a rede, jogar tarrafa, pescar de linha. Também tive dificuldade para tirar minha carteirinha e ter meus direitos, mas eu consegui e sustento os meus filhos, que crio sozinha, na pesca", esclarece Juliana.

Lucila e Maura, além de ajudar na renda familiar, também tiraram das águas os recursos

para a educação dos filhos. "Tenho muito orgulho de dizer que paguei a faculdade do meu filho vendendo sururu, camarão, peixe, produtos processados à base de peixe e camarão na feira. Produtos pescados e feitos por mim com a ajuda das outras mulheres da associação de pescadoras", destaca Maura.

"Paguei o curso de taifeiro marítimo dos dois com a renda da pesca. Me virei para pagar a estadia deles para estudar. Um cursou em Pirapora, Minas Gerais, muito longe de casa, e o outro no Rio de Janeiro". Essa fala é da Lucila, a militante da causa das pes-

cadoras que ajudou a fundar a associação em Itapemirim.

Outra vertente da economia azul é o turismo sustentável, mais um ponto que será trabalhado no Programa de Fortalecimento da Cadeia Produtiva da Atividade Pesqueira da Seag, que conta com 33 eixos estratégicos voltados ao desenvolvimento sustentável do setor pesqueiro.

"Quando alguém pergunta o que tem no nosso Estado, a primeira coisa que lembramos é da moqueca. Os turistas chegam e falamos que eles têm que comer a nossa moqueca e a torta capixaba. E de onde vem os mariscos desses dois pratos? O que seria da torta e da moqueca capixaba sem os mariscos? Quem coloca esses ingredientes nos pratos somos nós. Nós, mulheres pescadoras, temos essa importância dentro da cultura e do turismo do Espírito Santo. Essa invisibilidade é grande e precisamos reverter. As mulheres pescadoras e marisqueiras artesanais e não somente os homens são importantes para o turismo e para a cultura capixaba", comenta Rosineia.

A coordenadora Patrícia Ferraz comenta que são promissoras as iniciativas de empreendedorismo feminino em práticas sustentáveis, que enquadrem as pescadoras no conceito de crescimento azul.

"Acredito ser o motor de emprego e de diversificação no âmbito da pesca. O empreendedorismo, as atividades de autodesenvolvimento e a geração de renda são soluções viáveis para fortalecer as mulheres, sendo a profissionalização uma das ferramentas essenciais para a inserção

dinâmica e privilegiada delas nessa atividade produtiva, o que se reflete em qualidade de vida e na ampliação das oportunidades de renda para elas e suas famílias".

A MARÉ VIROU COM ELAS NO COMANDO

Idealizado e coordenado pela Divisão de Aquicultura e Pesca da Seag e submetido pela Associação de Pescadores de Jacaraípe, no município da Serra, Região Metropolitana do Estado, o projeto "Marisqueiras em Rede" venceu um edital nacional da Petrobras para um trabalho de apoio e incentivo à pesca, específico para mulheres. O projeto, previsto para começar no segundo semestre de 2025, vai atuar por três anos e atender 230 marisqueiras/pescadoras entre Serra e Presidente Kennedy, no Litoral Sul.

O presidente da Federação de Associações de Pescadores do Espírito Santo, Manoel Bueno dos Santos, 65 anos, o "Nego da Pesca", disse que o primeiro passo é escutar as pescadoras e entender a necessidade de cada região pesqueira.

"Já estamos fazendo um levantamento para saber onde tem marisqueiras interessadas em participar do projeto. Pescadoras com pensamento coletivo, associações de mulheres da pesca. Estamos ouvindo as demandas para saber o que querem e entender do que precisam, para assim trabalhar dentro da realidade de cada local", detalha.

Entre as possibilidades de atuação do projeto estão a qualificação quanto ao bene-

ficiamento do pescado, incentivo à piscicultura, fortalecimento dos grupos de pescadoras, turismo comunitário e capacitações. Nego conta que um dos projetos em vista é a retomada do trabalho com mexilhão, em Anchieta, conduzido pelas mulheres. Por se tratar de um serviço pesado, no passado apenas os homens trabalhavam com o pescado, mas pararam.

A proposta é oferecer uma estrutura moderna para a pesca da iguaria, de forma que não seja necessário o emprego de esforço físico para as pescadoras. "Possibilitar que elas desenvolvam o trabalho sem a presença dos homens e sem fazer muito esforço".

Com atuação de mais de 40 anos na pesca, Nego, que já está aposentado, conta que, mesmo sendo homem, sempre lutou pelos direitos das mulheres, e essa foi a motivação para inscrever o projeto no edital.

"Nós homens ainda não somos plenamente reconhecidos nessa profissão milenar, infelizmente, as mulheres então, menos ainda, isso, não apenas aqui no nosso Estado, mas no Brasil todo. Elas pescam, beneficiam, vendem, trabalham duas ou três vezes mais que o homem, e não têm valor. Precisamos lutar por elas", ressalta.

O FUTURO FEMININO NAS MARÉS

Em dezembro de 2024, foi protocolado no Senado o Projeto de Lei 4789/2024, que altera a Lei 11.959/2009, e institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Pesca. Elaborado por meio de extensa articulação de profissionais da pesca de todo país, o PL, por

O QUE SERIA DA TORTA E DA MOQUECA CAPIXABA SEM OS MARISCOS? QUEM COLOCA ESSES INGREDIENTES SOMOS NÓS, MULHERES MARISQUEIRAS", QUESTIONA ROSINÉA PEREIRA VIEIRA.

si só, já é considerado um marco para o setor e reconhece a importância e o papel das mulheres na pesca, incluindo seus direitos e necessidades.

O PL prevê, entre outros pontos, a valorização, capacitação e emancipação das mulheres pescadoras; maior alcance das políticas públicas da pesca para as mulheres; reconhecimento e valorização das mulheres pescadoras e do seu trabalho como parte do sistema socioeconômico e cultural da pesca artesanal, e a garantia do reconhecimento das pescadoras profissionais artesanais nas diversas etapas da cadeia produtiva da pesca, como forma de assegurar direitos, eliminar a discriminação de gênero.



Protagonismo feminino ganha destaque na produção de cafés no Caparaó

ARQUIVO PESSOAL



ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Aumentar o protagonismo feminino na produção de café, dar visibilidade e capacitar as produtoras nas diferentes etapas da cadeia produtiva. Foi com esses objetivos que, em 2023, a Associação de Produtores de Cafés Especiais do Caparaó (Apec), gestora da Denominação de Origem do Café do Caparaó (DO), localizada no entorno do Parque Nacional do Caparaó, criou o Projeto Digital de Mulher Caparaó.

A iniciativa surgiu quando os gestores da associação perceberam um aumento na participação das mulheres nas ações desenvolvidas pela Apec, bem como o crescimento no número de associadas. Cerca de 30 mulheres de 12 dos 16 municípios que abrangem a DO, tanto mineiros quanto capixabas, fazem parte do projeto, que este ano chega à sua terceira edição.

“Notamos muitas mulheres tomando a frente das lavouras, se envolvendo com a associação, e vimos a

Maria Cristina da Silva Horst, do Sítio Café do Príncipe, em Iúna, participou das duas edições do projeto

necessidade de desenvolver algo voltado para elas, de dar destaque ao trabalho que realizam na produção de cafés especiais. Criamos o projeto, e um dos pilares foi ouvi-las para obter um panorama real de suas necessidades”, explica Gustavo Vilas Boas, que atua na administração da Apec.

Quanto ao nome, Vilas Boas esclarece que “vem de impressão digital, de deixar a marca das mulheres do Caparaó nos cafés produzidos pelas famílias”. Após ouvir as participantes, foram desenvolvidas capacitações baseadas nas necessidades comuns entre as cafeicultoras.

Entre as ações estão palestras, consultorias, assistência técnica na produção, rastreabilidade dos lotes de café por elas produzidos e a criação de um banco de dados de produtoras focadas na produção sustentável de café. Cecília Nakao, presidente da Apec, destaca a importância do cuidado com as mulheres para o fortalecimento da associação.

“A produção de cafés especiais muitas vezes é complementada pela dedicação das mulheres na fase do pós-colheita, especialmente na secagem dos grãos. Trazer empoderamento e protagonismo a essas mulheres resulta, consequentemente, em maior engajamento na proteção da origem e no aumento do volume de cafés especiais. É uma forma de fortalecer a Denominação de Origem Caparaó”, afirma.



A produtora Maria Alexandra, de Iúna, recebendo a visita técnica do Projeto. Ao lado dela, José Elias

Entre as ações realizadas em 2024, o Projeto Digital de Mulher Caparaó financiou a participação de mulheres na Semana Internacional do Café (SIC), em Belo Horizonte. Para participarem do evento, que é uma vitrine de alcance nacional e internacional para cafés de alta qualidade, elas participaram de uma palestra que abordou desde dicas de vestuário até comportamentos em uma feira.

A cafeicultora Maria Cristina da Silva Horst (48), do Sítio Café do Príncipe, em São João do Príncipe, Iúna, que participou das duas edições do projeto, foi uma das mulheres que visitou a SIC. Dona da marca que leva o nome do sítio da família, Café do Príncipe, Cristina comenta sobre a experiência.

“Por meio do Projeto Digital de Mulher Caparaó, recebi muitas informações importantes. Aprendi como comercializar meu produto, como contar minha história e como servir

**"MOSTRAR O TRABALHO QUE
REALIZAMOS EM NOSSAS
PROPRIEDADES E TER ESSA
VISIBILIDADE NA SIC FOI
MUITO PROVEITOSO"**
PAULA COTRIM, DE ALTO JEQUITIBÁ

o café para as pessoas presentes na feira. Na SIC, pude vender meu café torrado, fazer contato com interessados em comprar o café verde e conhecer muitas pessoas. Foi uma experiência muito enriquecedora participar da feira e do projeto", relata Cristina.

Outra participante é Paula Luiza Cotrim de Oliveira Gripp (43), de Alto Jequitibá, no Caparaó mineiro. Ligada à cafeicultura desde a infância e produtora de café há 25

anos, Paula lembra que, em 2018, sua família criou a marca Coffee Gripp. Desde então, passaram a fazer parte de várias associações, entre elas a Apec.

Em 2024, Paula decidiu participar do projeto. "Além de aprender sobre vendas, posicionamento e como identificar oportunidades, com as capacitações tive a chance de reformular e divulgar não só a nossa marca de café, mas também a região. O projeto trouxe visibilidade aos pro-

dutores, especialmente às mulheres", destaca.

Sobre a participação na SIC, Paula se entusiasma. "Foi um marco para nós, mulheres e produtoras, mostrar o trabalho que realizamos em nossas propriedades. Ter essa visibilidade na feira foi muito proveitoso".

A ação de encerramento do ano passado consistiu na produção de mil pacotes de cafés especiais, exclusivamente por mulheres, que foram entregues às agências do Banestes, patrocinadora do projeto em 2024.

**Palestras
Tendências
Negócios
Conexões**

imagem gerada com IA

10, 11 e 12

JULHO 2025

 Praça do Papa
VITÓRIA/ES

ESX
INNOVATION EXPERIENCE
ESPÍRITO SANTO

**Um dos maiores eventos
de inovação do Brasil
acontece aqui no ES.**

Ideias ganham forma, conexões viram futuro e você é parte da transformação.

Garanta sua vaga * esx.com.es 

5^a Edição



Feira de
Agronegócios
Cooabriel
2025

A MAIOR
DE TODOS OS
TEMPOS!



MAIS DE
90
EXPOSITORES

CONDIÇÕES
ESPECIAIS
DE NEGOCIAÇÃO

24 a 26
de julho

São Gabriel da Palha/ES

Insumos | Máquinas | Equipamentos | Tecnologias | Novidades do mercado

Com previsão de safra recorde, ES abre oficialmente colheita do conilon

_REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A colheita do café conilon capixaba está oficialmente aberta. O evento que marca o início da popular “panha”, foi realizado em Jaguarié, em maio, e reuniu produtores, técnicos, fornecedores e profissionais do agro, além de autoridades municipais e estaduais, também celebrou o protagonismo do Estado na cafeicultura nacional.

Segundo estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a safra deverá ser superior a 13 milhões de sacas de 60 quilos beneficiadas – um aumento de 33,1% em comparação com as quase 10 milhões de sacas colhidas em 2024. A maior safra registrada anteriormente no Estado foi em 2022, com uma produção total de 12,4 milhões de sacas.

O governador em exercício na ocasião, Ricardo Ferraço, destacou a geração de trabalho e renda que a cafeicultura promove nos municípios capixabas.

“O conilon está presente em pelo menos 60 mil propriedades do Estado, portanto, é uma produção muito compartilhada. São 60 mil famílias, a maior parte de base familiar. A nossa expectativa é que o conilon continue sendo gerador de trabalho, renda e oportunidade para que, com o esforço das agriculto-

ras e agricultores, essa riqueza possa continuar sendo bem distribuída e as pessoas possam buscar prosperidade, felicidade e vida digna”, pontua Ferraço.

Enio Bergoli, secretário de Estado da Agricultura, disse que “caso as previsões de produção se confirmem e o ritmo de preço do conilon continue bom, os cafeicultores capixabas vão injetar mais de 30 bilhões de reais na economia. Isso não é importante só para a agricultura, é bom também para a indústria de máquinas, equipamentos e insumos”, pontuou.

FOTO COMUNICAÇÃO PREFEITURA DE JAGUARÉ



Enio Bergoli, secretário de Agricultura, o vice-governador, Ricardo Ferraço e Marcos Guerra, prefeito de Jaguarié

O secretário também falou da importância dos investimentos para alta produtividade do conilon capixaba. "Nós vamos ter a maior safra da história do Espírito Santo, maior ainda do que foi em 2022. Esse protagonismo na produção é resultado de um trabalho contínuo, com investimentos estratégicos em pesquisa, inovação, assistência técnica e diálogo permanente que o Governo do Estado mantém com os cafeicultores", salientou.

Palestra técnica sobre a evolução da colheita mecanizada do conilon, demonstração sobre o funcionamento da co-

lhedora automotriz, irrigação enterrada e capina elétrica, em duas estações montadas na propriedade, fizeram parte da programação.

O prefeito de Jaguaré, Marcos Guerra, ressaltou que o evento não era apenas para marcar a abertura da safra, mas também um momento de aprendizado. "Fico muito honrado pela presença e valorização do município e da produção do café conilon, que impulsiona a economia do nosso município e contribui para o crescimento do Estado. Certamente, os produtores que vieram na abertura da colheita aprenderam ainda mais sobre o uso de tecnologias no manejo do café", disse Guerra.

CERIMÔNIA REALIZADA NA FAZENDA ÁGUA LIMPA, INTERIOR DE JAGUARÉ, EM MAIO, MARCOU O INÍCIO OFICIAL DA COLHEITA 2025 DO CAFÉ CONILON NO ESPÍRITO SANTO

O evento foi promovido pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).



Aponte a câmera do seu celular
e explore as inovações da
COLHEPLUS da Palinialves

LANÇAMENTO!

**COLHEDORA
AUTOMOTRIZ PARA CAFÉS**

**PRECISÃO, ROBUSTEZ
E INTELIGÊNCIA**
NA COLHEITA DE CAFÉS ARÁBICA e CONILON

COLHEPLUS



Inovação no arábica: novas cultivares quase dobram produção no ES

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

Uma pesquisa de seis anos, conduzida em 12 municípios das regiões de Montanhas, Caparaó e Noroeste do Espírito Santo, aponta para uma verdadeira revolução na produção de café arábica. O estudo do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) validou 10 cultivares que se destacaram pela alta produtividade, qualidade superior dos grãos e menor necessidade de defensivos agrícolas.

A pesquisa focou na famosa bienalidade da cafeicultura, marcada pelo ciclo de "café sobe, café cai", que tem sido uma constante na produção do Espírito Santo, assim como no Brasil e no mundo. Essa oscilação, conforme dados apresentados pelos pesquisadores do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) e líderes do projeto,

Cesar Krohling e Maurício Fornazier, tem como um dos principais catalisadores a ferrugem do cafeiro, praga que assolou as lavouras brasileiras a partir de 1970. A doença causa a desfolha da planta, impactando diretamente a produtividade.

Dados de seis biênios indicam que a produtividade média do café em terras capixabas se estabeleceu em 24,8 sacas por hectare. Analisando as últimas quatro safras, esse número sobe um pouco e chega a 28 sacas por hectare.

Um panorama da distribuição da produtividade no Espírito Santo indica que

a maioria dos produtores (75%) ainda opera abaixo das 30 sacas por hectare. A necessidade de renovação de lavouras antigas, adoção de espaçamentos mais adensados, uso de variedades resistentes e semi mecanização são apontados como caminhos para elevar esses índices e garantir a sustentabilidade da cafeicultura de montanha para os próximos 100 anos. O desafio, apontam especialistas, reside em superar esse patamar.

Neste ponto, surge o estudo. Os pesquisadores identificaram cultivares com características superiores. Elas demonstraram alta produtividade (média de 48 sacas por hectare, chegando a picos de 61 sacas por hectare).

Seis anos de pesquisa apontam para uma verdadeira revolução na produção de café arábica



FOTO DIVULGAÇÃO

Isso, sem irrigação. A introdução da irrigação em futuros projetos acena para a possibilidade de atingir até 80 sacas por hectare, equiparando a produtividade com a do café conilon. A qualidade também se manteve elevada, com a bebida alcançando ou superando a média de 82 pontos.

A adoção dessas novas cultivares também se alinha com práticas mais sustentáveis, demandando menos aplicações de fungicidas devido à maior resistência à ferrugem. "Vamos continuar avaliando esses materiais em diferentes condições de manejo e em outras regiões do Estado, inclusive introduzindo a irrigação em alguns experimentos, para que possamos refinar ainda mais as nossas recomendações", explicou Cesar Krohling.

Duas unidades estão funcionando em sistema orgânico de cultivo. Essas lavouras também serão observadas por mais tempo, explicou Fornazier. "Nós pedimos uma prorrogação até 2027 no experimento para consolidar os dados científicos e tirar conclusões assertivas em relação à cultivar de café arábica para cultivo orgânico. O objetivo deste trabalho é introduzir material genético no Espírito Santo, conseguir ganhos reais de produtividade e qualidade".



Maurício Fornazier

PRODUTORES ACOMPANHARAM DE PERTO

Em Guaçuí, no coração do Caparaó Capixaba, o produtor Leandro Dessim de Paula acompanhou de perto os resultados da pesquisa em sua propriedade. Ele mantém uma unidade experimental com as dez cultivares validadas, onde são avaliadas tanto a produtividade quanto a qualidade dos grãos. "É um legado muito grande. Os produtores podem conhecer qual variedade melhor se adapta à região. Ali é possível delimitar qual a altitude



Leandro Dessim de Paula



"AS UNIDADES EXPERIMENTAIS FORAM INSTALADAS EM PROPRIEDADES RURAIS PARTICULARES, EM PARCERIA COM OS AGRICULTORES, DESTACANDO O PAPEL ESSENCIAL DA INTEGRAÇÃO ENTRE PESQUISADORES, EXTENSIONISTAS E PRODUTORES RURAIS AO LONGO DE TODO O PROJETO. IMPORTANTE DESTACAR, TAMBÉM, O APOIO DA INICIATIVA PRIVADA".

FABIANO TRISTÃO, PESQUISADOR E COORDENADOR DE CAFEICULTURA DO INCAPER



Alessandro Broedel

ideal, a variedade mais adequada, se o foco é maior produtividade ou qualidade, ou um equilíbrio entre os dois. É um experimento que vai ajudar muito a cafeicultura de arábica da região", celebra Leandro.

Cesar Krohling, um dos pesquisadores que liderou o estudo ao lado de Maurício Fornazier, destaca o impacto do projeto na produção. "O projeto prova os três eixos da sustentabilidade: o econômico, com mais produtividade e qualidade, gerando renda e bem-estar social para as famílias e incen-



Cesar Krohling

tivando a juventude rural a permanecer no campo; o ambiental, com a redução do uso de fungicidas; e o social, com lavouras de alta produtividade, gerando mais renda para quem colhe o café, que passa a colher o dobro de sacas por dia e fica menos exposto a produtos químicos", detalha Krohling.

Para o secretário de Estado da Agricultura, Enio Bergoli, a pesquisa reforça a posição de destaque do Espírito Santo na produção cafeeira. Ele comparou o Estado com Minas Gerais, o maior produtor do país, que concentra 50% da produção nacional em apenas 20% das propriedades. "No Espírito Santo, 70% das propriedades capixabas produzem café. Portanto, é no nosso Estado que a cafeicultura tem papel de maior destaque na formação de emprego, renda e dinamismo econômico nos demais setores", explicou Bergoli, ressaltando a importância da inovação para manter a competitividade dos produtores capixabas.

PRODUTIVIDADE SUSTENTÁVEL

O governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, enfatizou o potencial da pesquisa para impulsionar o setor. "Esse é um experimento que fizemos com produtores das regiões de arábica do Espírito Santo. Aumentar a produtividade com menor incidência de doenças é tudo o que desejamos. Já somos bons, queremos ser ainda melhores. Tenho certeza que esse investimento em tecnologia e inovação dará aos agricultores mais

renda e ao Estado mais desenvolvimento", afirmou.

O diretor técnico do Incaper, Antônio Elias, celebrou a união de esforços que possibilitou os resultados. "Vivenciamos hoje um marco histórico que nós, como pesquisadores e extensionistas, apregoamos a vida inteira. A pesquisa junto com a extensão e ao lado do produtor faz com que tenhamos resultados como este. Quando essa trilogia participa, há garantia de que essa inovação já está no campo", pontuou Elias.

O diretor-geral do Incaper, Alessandro Broedel, destacou a importância da parceria com os produtores no processo de validação. "Essa validação é fruto de um trabalho técnico rigoroso e realizado em parceria com produtores que abriram as portas de suas propriedades para a ciência. É um marco importante para a cafeicultura capixaba, pois entrega conhecimento aplicado, pronto para ser usado na melhoria da produtividade, da rentabilidade e da sustentabilidade nas lavouras de arábica", concluiu Broedel.

CARTILHA TÉCNICA DISPONÍVEL

O Incaper lançou uma cartilha com informações detalhadas sobre as culturas indicadas, apontando o comportamento e desempenho delas em cada região. O material reúne dados sobre produtividade, qualidade da bebida, resistência a pragas e doenças, vigor vegetativo, rendimento de peneira, adaptabilidade e estabilidade de produção. A versão digital está disponível na Biblioteca Rui Tendinha, do Incaper.

Nova irrigação revoluciona a produção de Café Conilon



Elidio falando na abertura da Colheita do Conilon



ASSESSORIA DE IMPRENSA DA HYDRA IRRIGAÇÕES

Uma inovação na irrigação promete transformar a produção de café conilon no Brasil. O gotejamento enterrado, que mantém as mangueiras protegidas no solo, melhora o uso da água, reduz gastos com manutenção e permite o uso eficiente de colheitadeiras mecanizadas.

Nos últimos anos, a falta de mão de obra tem sido um desafio para os produtores, tornando a mecanização essencial. Porém, sistemas de irrigação tradicionais, como os aspersores e o gotejamento superficial, podem impedir a passagem das colheitadeiras.

“No sistema de aspersão fixo, os equipamentos ficam na linha do café, dificultando a colheita. Já o gotejamento superficial pode ser danificado

pelas máquinas”, explica Elidio Torezani, engenheiro agrônomo e diretor da Hydra Irrigações, empresa pioneira na revenda Netafim no Brasil.

“Esse sistema reduz bastante os custos de manutenção e ainda garante mais eficiência na irrigação”, destaca Torezani.

TECNOLOGIA TESTADA E APROVADA

Para resolver esse problema, o gotejamento enterrado foi testado por anos e já está sendo adotado em diversas lavouras. Ele funciona como o gotejamento comum, mas as mangueiras ficam protegidas no solo, evitando danos e garantindo a irrigação eficiente.

“Hoje, temos uma área grande com essa tecnologia em Jaguaré (ES), e os resultados são muito positivos”, afirma Torezani. Além de facilitar a colheita mecanizada, o sistema reduz o desperdício de água e melhora a absorção pelas raízes.

MENOS MANUTENÇÃO, MAIS PRODUTIVIDADE

Outro grande benefício é a economia com manutenção. Como as mangueiras não ficam expostas, há menos risco de danos e menos necessidade de reparos.

A Hydra Irrigações tem incentivado essa mudança, fornecendo gratuitamente o equipamento necessário para enterrar as mangueiras.

O FUTURO DA IRRIGAÇÃO NO CAFÉ CONILON

Para obter o máximo de benefícios, o sistema precisa ser planejado desde o início da plantação. Com menos desperdício de água e maior durabilidade, o gotejamento enterrado se consolida como uma solução estratégica para os cafeicultores.

“A mecanização da colheita é um caminho sem volta. Essa não é apenas uma alternativa, mas sim a solução definitiva para o problema da falta de mão de obra no café”, conclui Torezani.

SOBRE A HYDRA IRRIGAÇÕES

A Hydra Irrigações é uma das empresas detentoras da tecnologia mais avançada no segmento em nível nacional. Primeira revenda Netafim no Brasil e pioneira na aplicação de conhecimento e de técnicas para priorizar a economia de água, a empresa, com sede em Linhares (ES), tem experiência de quase três décadas de atuação e pesquisa para associar em seus projetos critérios agronômicos rigorosos a equipamentos de ponta. O objetivo é promover alta performance de todos os recursos, considerando as necessidades e especificidades de cada cliente. *Acompanhe mais pelo Instagram @hydrairrigacoes.*

Ecos da seca: o que uma das piores estiagens do mundo ensinou ao ES

FOTO ILUSTRATIVA



FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

"Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água bebida na concha das mãos?" A reflexão poética de Mario Quintana leva-nos a pensar nas conexões que perdemos com a natureza e como a correria do dia a dia nos impede de desfrutar os pequenos prazeres. Num tom mais grave, alerta-nos sobre a perspectiva da ausência. O que seria do mundo se a água, fonte

da vida, se tornasse escassa? É uma pergunta urgente, dado o aumento da frequência de eventos extremos de seca mundo afora.

A Organização das Nações Unidas (ONU) confirmou que 2024 foi o ano mais quente já registrado, com temperaturas médias $1,55^{\circ}\text{C}$ acima dos níveis

pré-industriais. Essa elevação térmica, combinada com a escassez de chuvas, configura uma tempestade perfeita que se manifesta em estiagens severas em diversas partes do planeta.

Um panorama recente do Monitor de Secas da Agência Nacional de Águas (ANA), referente a fevereiro de 2025, revela a extensão do problema no Brasil. Apenas áreas isoladas do Sul, Nordeste e Norte do país foram consideradas livres de seca relativa, enquanto o restante do território nacional enfrentava condições que variavam de seca fraca a grave.

O cenário brasileiro reflete uma tendência global apontada por um estudo publicado em janeiro de 2025 na revista Science. Pesquisadores analisaram dados entre 1982 e 2018 e identificaram 13 mil eventos de estiagem com duração mínima de dois anos em todo o mundo.

"As secas representam uma ameaça crescente com impactos sociais e ecológicos severos, desde a escassez de água potável e quebras de safra até incêndios florestais e a degradação de ecossistemas inteiros", alerta o estudo, enfatizando a intensificação e o prolongamento das estiagens em escala global.

A pesquisa da Science trouxe à luz dois eventos de seca no Brasil que se destacaram entre os mais severos do planeta. A estiagem que assolou a Amazônia

Sul-Oeste entre 2010 e 2018, abrangendo partes do Acre, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso, classificou-se como a sétima mais grave em termos de intensidade.

O impacto da estiagem no leste do Brasil, que inclui Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, foi igualmente significativo. A pesquisa revelou que a seca que atingiu essas localidades entre os anos de 2014 e 2017 ficou em nono lugar entre as dez mais severas do mundo no período analisado.

_OS ANOS QUE NÃO TERMINARAM

No Espírito Santo, a estiagem foi considerada uma das piores da história. Só em 2015, a produção de conilon caiu 50%. No mesmo período, o prejuízo estimado para os produtores agrícolas foi de mais de R\$ 1,7 bilhão. Naquele cenário, a Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh) editou as Resoluções 005 e 006/2015. As regras eram claras: era momento de ficarmos alertas e a prioridade da água era para matar a sede da população e dos animais.

As regiões Norte e Noroeste do Estado foram as mais afetadas pela estiagem. O antigo caudaloso Rio Doce quase sumiu e grandes áreas com areia e sedimentos ficaram expostas, com apenas alguns canais estreitos de água serpenteando pela paisagem. Pinheiros, Alto Rio Novo, São Roque do Canaã, Vila Pavão e parte de Conceição da Barra, Barra de São Francisco, Ecoporanga, Fundão e Santa Teresa só poderiam captar água dos minguados rios para dessedentação.

Uma força-tarefa foi criada para fiscalizar a utilização da água em todas as bacias hidrográficas. Formada por representantes dos Comitês de Bacias, da Agerh, do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf), do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema), da Polícia Militar e de prefeituras, a força-tarefa verificava *in loco* se as resoluções da Agerh estavam sendo cumpridas. Em caso de desrespeito, os infratores pagariam multas de até R\$ 268 mil.

A secura instalou-se em todo lugar. No distrito de Imburana, em Ecoporanga, e em Cidade Nova da Serra, em Fundão, 100% do fornecimento para a população foi feito por meio de carro-pipa. Na Grande Vitória, a vazão dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu ainda era suficiente para abastecer a população, mas os níveis ficavam cada vez mais baixos e preocupantes.

_O ALÍVIO CAIU DO CÉU; A SOLUÇÃO, NÃO!

Somente no final de 2017 e início de 2018 as condições foram atenuadas devido às chuvas acima da média na maior parte das áreas mais críticas do Espírito Santo. Se o alívio literalmente caiu do céu, o trabalho para mitigar impactos futuros estava só começando. No Estado, foi implantado o Programa Águas Capixabas com uma série de medidas para conservação e revitalização de bacias e corpos hídricos.

Com foco prioritário em áreas de agricultura familiar, foi feito o aporte de R\$ 12 milhões para investimentos na implantação de estruturas para captação e armazenamento de água, como barragens e cisternas, além da adoção de biodigestores para melhorar as condições de

saneamento ambiental. A meta do programa, que está em andamento, é elaborar projetos e implantar cerca de 26.887 estruturas em todo o Espírito Santo, beneficiando aproximadamente 4.300 propriedades rurais.

“Disponibilizamos uma linha de financiamento subsidiado para que produtores possam fazer barragens com custo baixo. É um programa muito audacioso e necessário. Não estamos afastados de sofrer uma nova estiagem prolongada, mas vamos enfrentar com menos dificuldade do que foi no passado”, disse o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, em um evento alusivo ao Dia Mundial da Água, comemorado em 22 de março.

A indústria também está incluída no pacote preventivo. Em abril deste ano, a Vale e o consórcio Águas de Reúso de Vitória, subconcessionária da Companhia Espírito-santense de Saneamento (Cesan), assinaram um Memorando de Entendimentos (MoU) para reciclagem da água proveniente do tratamento de esgoto sanitário da Grande Vitória. O material será utilizado na parte operacional em Tubarão, em Vitória.

_RESILIÊNCIA, CRÉDITO E TRABALHO

André Pagoto é filho de Maria de Lourdes Reboli Pagoto e Sebastião Bejamim Pagoto. Ele gerencia a propriedade rural da família, localizada em Santo Isidoro, Tiradentes, Rio Bananal. As terras foram compradas em 1976 por Sebastião. Até a década de 1990, a produção era voltada para o café arábica e o gado. Depois, a família decidiu migrar para o café conilon.

Em 2004, por meio do crédito rural do Banco do Nordeste (BNB), começaram a investir em irrigação, mas não na fonte de água. “Ainda fazíamos a captação direto no rio. Não tínhamos vazão para aumentar a área irrigada e, nos meses de estiagem, ficávamos sem água”.

Sem reservas ou barragens, a seca de 2014 a 2017 castigou a plantação. “Ficamos dois anos sem produção”, conta

André, afirmando que acessaram o crédito rural na modalidade custeio para manter as atividades.

No auge da seca, o cenário era tão crítico que, segundo o superintendente estadual do BNB no Espírito Santo, Lourenzo de Oliveira, a instituição ofereceu linhas de crédito com juros mais baixos, renegociação de dívidas e bons descontos.

“Essas ações fizeram com que muitos produtores, principalmente familiares, não perdessem suas terras e pudessem continuar no campo”, explicou, informando que o banco financiou todos os projetos ligados ao café irrigado em sua área de atuação e tem linhas especiais para os seis municípios capixabas incluídos no semiárido.

Oliveira também destacou que a prevenção também é foco do banco, por meio da política de investimento em energia solar e a rigorosa observância da legislação ambiental em todos os financiamentos, abrangendo a proteção da mata ciliar e projetos de reflorestamento com linhas de crédito específicas. Adicionalmente, explicou, empresas com atuação na área ambiental contam com linhas diferenciadas.

Foi com foco na prevenção contra futuras secas que, em 2018, a família Pagoto decidiu investir em uma barragem e um açude. “Apresentamos a ideia ao BNB e construímos as estruturas. Hoje, temos um sistema de irrigação excelente, com água boa, e 90% da propriedade é atendida, podendo chegar a 100%, se quisermos. Ano passado, houve um período de estiagem prolongado e não registramos impacto significativo nas lavouras”, contou André.

VOZES DA SECA

LUZENIR MATTEDI

“Meu nome é Luzenir Mattedi e, junto com minha esposa, Isabel Condi Mattedi, e o restante da minha família, trabalhamos na roça aqui no interior de Rio Bananal. Estou falando especificamente de Córrego Mattedi e Jacarandá, no interior do município. A vida toda plantamos café conilon. A pimenta, plantamos de uns dez anos para cá, mas o café vem de muito tempo, desde o meu avô, que passou para o meu pai e para mim e meus irmãos. Hoje, estamos passando esse conhecimento para nossos filhos.

Lembro-me bem daquela época. Tínhamos plantado café e pimenta. Mas a seca pegou tudo. Perto da plantação, só tínhamos uma represa, que secou. Fomos procurar um lugar para plantar e abrimos espaço perto da Lagoa das Palminhas, no Jacarandá. Na época, a Palminhas era o único lugar que tinha água. Temos outras áreas plantadas hoje, mas a nossa área mais forte é o Jacarandá mesmo, por causa da água.

Naquela época, o que estava plantado não dava pra salvar. Algumas lavouras de café nem conseguimos. Saímos de uma colheita boa, em 2013, e todo mundo estava achando que ia dar bastante café em 2014 em diante; aí veio a seca.

No Mattedi, o café ficou completamente seco, principalmente na área mais adensada, no morro. As plantas sofreram muito. E olha que plantamos o conilon, que dizem ser mais resistente. Nunca tínhamos visto uma coisa assim, nem meus tios, que já tinham mais de 70 anos na época, tinham presenciado algo parecido. Até água para beber ficou difícil de encontrar.

Mas, no fim das contas, foi um aprendizado. Hoje, graças a Deus, é tudo automatizado, tudo no gotejo. E foi com aquela seca que a gente aprendeu essa lição. Na época, apertou um pouco



a situação financeira. Mas foi um aprendizado. Meus irmãos, antigos, trabalhavam comigo aqui. Hoje, trabalho com meu filho, e meus irmãos estão em outra área, no interior de Linhares.

Conseguimos modernizar nossa irrigação. O Banco do Nordeste ajudou muito a gente. Pegamos um empréstimo e estamos terminando de pagar este ano. Na época, plantamos 35 mil pés de café e quatro mil pés de pimenta. Depois disso, fizemos mais financiamentos.

Vários vizinhos aqui no Jacarandá, uns 80% deles, também estão preparados. Investiram em irrigação, barraginhas, fertirrigação – jogamos adubo junto com a nutri irrigação. E a Lagoa das Palminhas dá conta da nossa necessidade; ela tem até 20 metros de profundidade”.

VOZES DA SECA

FABRÍCIO CARRARETO BARRETO

"Entre 2014 e 2017, vivemos uma situação muito crítica em uma de nossas propriedades, tanto por indisponibilidade de água quanto por restrição em períodos em que o Governo do Estado limitou os horários para irrigação. Na época, não tínhamos condições de aumentar a disponibilidade de água, uma vez que a perfuração de poços foi reduzida.

Naquele momento resolvemos, então, reduzir o tamanho da área plantada. Parte da lavoura não era tão produtiva, apesar de ainda ter viabilidade econômica. Mas pegamos as piores áreas e cortamos. Naquela época, chegamos a ficar com apenas 40% da área plantada. Depois da seca, em 2017, iniciamos a renovação das áreas, logo depois aumentamos o número de poços artesianos e, de lá para cá, renovamos 90% da área da propriedade.

Hoje, o que era o patinho feio do nosso negócio virou a menina dos olhos. Fizemos uma limonada com o limão e vivemos uma situação de conforto, tanto por termos aumentado a disponibilidade de água, quanto por renovar a lavoura em um momento oportuno.

Sempre nos lembramos de buscar e ter eficiência no uso da água. Já tínhamos, mas hoje estamos mais avançados no manejo da irrigação, com uso de tensiómetros digitais, para vermos a todo momento como está o nível de água na lavoura. Isso facilita o uso racional da água".



A PRÓXIMA GRANDE ESTIAGEM JÁ TEM DATA PARA CHEGAR

Apesar da previsão otimista de uma década com clima estável e chuvas bem distribuídas, o meteorologista Luiz Carlos Molion fez um alerta para o futuro: uma seca severa deverá atingir o Brasil entre 2034 e 2035. A previsão, feita em abril, em uma postagem nas redes sociais, compara o evento climático aos períodos de estiagem intensa de 2014/2017 e de 1987/1988, anos de super El Niños. "Preparem-

-se, a próxima grande seca será entre 2034 e 2035", enfatizou Molion, baseando sua previsão na ocorrência do fenômeno de aquecimento anormal das águas do Pacífico no período.

Segundo o meteorologista, os próximos dez anos trarão um clima dentro da média, com precipitações regulares que beneficiarão a agricultura. "Este ano já será muito bom, de chuva bem distribuída. A tendência de longo prazo é de que, nos próximos dez

anos, não tenhamos eventos extremos, ou seja, não teremos seca severa e possivelmente nenhum ano extremamente chuvoso. Serão anos dentro da média, chovendo um pouco mais ou menos", explicou.

No entanto, a janela de clima favorável antecede um período crítico de estiagem. "O próximo El Niño forte, que fará uma seca severa, eu estimo que seja em 2034 ou 2035, algo semelhante a 2015 e 2016 e 1987 e 1988", detalhou Molion, sublinhando a necessidade de preparação para enfrentar os impactos dessa futura seca.

Pesquisa aponta potencial da flor de café conilon para produção de chá

_ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Todos os anos, na época da florada, as flores de café pintam de branco o chão das lavouras e acabam desperdiçadas. Essa realidade pode mudar. Pesquisa pioneira no mundo, que saiu recentemente na revista científica Foods, importante publicação internacional na área de alimentos agrícolas, aponta o potencial das flores do café conilon para a produção de chás.

O estudo, desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj) e a Universidade do Porto, em Portugal, foi realizado com seis genótipos de canephora produzidos em Nova Venécia, no Norte do Espírito Santo. São eles: Verdim R, B01, Bicudo, Alecrim, 700, CH1.

A ideia do estudo surgiu graças a uma inquietação do pesquisador e professor da Ufes, Campus São Mateus, Fábio Partelli. "Quando falamos de café, a gente só pensa no grão. Mas

todo mundo admira a flor do café, o seu cheiro. Comecei a me indagar se não seria possível fazer chá com essas flores e assim surgiu a proposta de desenvolver essa análise", conta Partelli.

O objetivo do estudo foi investigar e caracterizar os principais compostos bioativos e os perfis sensoriais das flores de conilon e as suas infusões. As flores apresentaram teores variáveis e substâncias oxidantes, cafeína e trigonelina, presente também no grão do café, que foram, em sua maioria, extraídos quando entraram em contato com a água quente.

"Esses dados sugerem grande potencial para fazer produtos de valor agregado com prováveis benefícios à saúde, como o chá", explica o pesquisador.

O estudo apontou também atributos sensoriais floral, jasmim e flor de laranjeira, herbal, café verde, amadeirado e doce para fragrância, aroma e sabor. Partelli explica que os estudos continuam.

"Essa foi uma primeira pesquisa, um trabalho pioneiro, que não por acaso foi publicado em uma excelente revista científica, e apontou o potencial da flor do café para fazer chá. Sabemos que daqui para a produção é um

**ESTUDO FOI FEITO
PELA UFES, UFRJ E
UNIVERSIDADE DO
PORTO, EM PORTUGAL**

longo e demorado caminho, mas é um nicho de mercado, mais um subproduto proveniente do café, com potencial de se tornar mais uma renda para o cafeicultor", salienta.

O trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) e da Fundação de Amparo à Investigação do Rio de Janeiro (Faperj).

**MERCADO
PROMISSOR**

O chá é a segunda bebida mais consumida no mundo, perde apenas para o café. Pesquisa da Euromonitor International, empresa que analisa os hábitos dos consumidores, divulgada em 2024, mostra que o consumo de chá e infusões no Brasil cresceu 25% entre 2013 e 2020, quase o dobro da média mundial de 13%, comprovando o vasto interesse dos brasileiros pela bebida e um mercado promissor.

Fábio Partelli, pesquisador e professor da Ufes, Campus São Mateus



FOTO ARQUIVO PESSOAL

Banco do Nordeste *no Espírito Santo:* mais impulso para quem produz.



Presente em 31 municípios do norte capixaba, no Banco do Nordeste você tem crédito acessível e apoio para empreender e produzir, seja no campo ou na cidade. Com agências em Linhares, Colatina, Nova Venécia, São Mateus e Pinheiros, estamos prontos para receber você e apoiar seu sonho. Venha nos visitar e bora crescer juntos.

saiba mais em: bnb.gov.br



Entre notas e madeiras

LEANDRO FIDELIS
jornalismo@conexaosafra.com

A madeira que batizou o Brasil, por muito tempo símbolo da identidade nacional, está no centro de uma disputa global que envolve músicos, archetiers (fabricantes de arcos) e autoridades ambientais. O motivo é a restrição ao uso do pau-brasil — espécie nativa da Mata Atlântica considerada em risco de extinção — na fabricação de arcos de instrumentos de corda, como o violino. O comércio da madeira está, na prática, suspenso desde 2023, quando o Instituto Brasileiro do Meio

Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) deixou de conceder novas licenças ambientais.

A paralisação ocorreu após o endurecimento da fiscalização, especialmente após a Operação Dó-Ré-Mi. Deflagrada em 2022 em colaboração com a Polícia Federal, desmantelou uma quadrilha especializada em extrair e exportar ilegalmente o pau-

-brasil, incluindo o norte capixaba. Na ocasião, foram apreendidas 42 mil varetas e 150 toretes avaliados em R\$ 2 milhões. Estima-se que a atividade criminosa tenha movimentado mais de R\$ 230 milhões. No ano passado, novas ações elevaram o total das multas aplicadas a R\$ 23 milhões.

A medida gerou forte impacto no Espírito Santo, o maior polo exportador de

FOTOS LEANDRO FIDELIS



arcos de pau-brasil no país e onde a espécie é endêmica da região litorânea. Com a decisão, os fabricantes capixabas, que tradicionalmente utilizam a madeira nobre nos arcos, agora enfrentam incertezas regulatórias e desafios comerciais. Em busca de alternativas sustentáveis, empresas e artesãos do setor iniciaram testes com outras madeiras, sendo o ipê uma das principais apostas. Apesar de não possuir exatamente as mesmas qualidades acústicas e de flexibilidade do pau-brasil, o ipê tem demonstrado desempenho promissor. A transição busca equilibrar a viabilidade econômica da indústria com o compromisso ambiental,

O FUTURO DA INDÚSTRIA DE ARCHETARIA E DA PRESERVAÇÃO DO PAU-BRASIL DEPENDE DE UM EQUILÍBRIO CUIDADOSO ENTRE A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL, A LEGALIDADE DA PRODUÇÃO E A CONTINUIDADE DO OFÍCIO DE FABRICAR ARCOS DE VIOLINO DE ALTA QUALIDADE



evitando o risco de paralisação do setor e fomentando a inovação em meio à crise.

Segundo o pesquisador da Embrapa Florestas e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica

e Extensão Rural (Incaper), Pedro Arlindo Galvés, a indústria de arquearia do Espírito Santo está praticamente parada desde 2021. “Isso se deve à ausência da licença necessária (LPCO),



que impossibilita o acesso ao sistema oficial de exportações, o Siscomex. A justificativa dos órgãos ambientais é a dificuldade em rastrear a origem da madeira e separar o material legal do ilegal". O pesquisador observa, no entanto, que "essas restrições só se aplicam à indústria brasileira. Em feiras internacionais, a madeira do pau-brasil continua sendo vendida livremente por fornecedores estrangeiros".

Esse desequilíbrio vem afetando diretamente os pequenos negócios capixabas. Das 40 micro e pequenas empresas de arquearia do Estado, apenas quatro continuam operando. Dos cerca de 200 artesãos especializados em arcos, muitos abandonaram a atividade ou migraram para o exterior. "Hoje, só cerca de 20 archetiers ainda produzem arcos e com madeiras de qualidade inferior", lamenta Galvões.

RESILIÊNCIA

Embora a madeira de ipê tenha características físicas favoráveis, como densidade e rigidez, ela ainda não conseguiu alcançar a performance do pau-brasil para a produção de arcos de violino de alta qualidade. Sócio-fundador da Arcos Brasil, localizada em Guaraná, distrito de Aracruz, Celso de Mello explica que, apesar dos esforços, o arco de ipê ainda precisa competir com o prestígio do produto de pau-brasil, especialmente em mercados exigentes como o da Alemanha. "Ainda estamos tentando recuperar o mercado antes

dominado pelo pau-brasil, e a aceitação do ipê no lugar dele está sendo mais lenta do que gostaríamos".

Com quase 30 anos de história, a empresa lidera a produção de arcos no Estado, mas enfrentou grandes desafios quando as regulamentações começaram a se intensificar. "O mercado internacional ainda não acredita totalmente que o ipê seja uma alternativa viável. Estamos tentando provar seu valor, mas é um processo longo e desafiador".

O ipê, já dentro do sistema de rastreamento e controle de madeira legalizada, como o Documento de Origem Florestal (DOF), permite aos fabricantes mais segurança em relação à legalidade da produção. A Arcos Brasil, por exemplo, comprou um lote de 26 mil m³ de ipê do Pará, com o qual está fabricando para exportação. O processo de rastreamento permite garantir que a madeira utilizada não tenha

sido extraída ilegalmente e que todo o processo de produção esteja de acordo com as normas ambientais.

Paula Maciel, organizadora da Feira Espírito Madeira – Design de Origem, fala sobre as dificuldades enfrentadas pelo setor. "Hoje, os arcos de violino não estão mais sendo produzidos com o pau-brasil, mas com outras madeiras como o ipê. E o Espírito Santo, que foi líder em exportações até 2024, precisou passar por essa crise de insumo. A crise, no entanto, trouxe à tona a necessidade de refletir sobre o manejo sustentável das florestas de pau-brasil".

Segundo Paula, eventos como a Espírito Madeira, com próxima edição de 11 a 13 de setembro, em Venda Nova do Imigrante, são importantes para dar visibilidade ao debate sobre as alternativas sustentáveis para a indústria de arquearia. "A discussão sobre o reflorestamento do pau-brasil e o manejo responsável da espécie precisa ser mais robusta e debatida no cenário interna-

cional. Ainda é possível usar o pau-brasil de maneira sustentável, mas precisamos de políticas públicas que incentivem essa prática”, afirma.

REGULAMENTAÇÃO

Em março deste ano, o presidente da Associação Nacional da Indústria da Música (Anafima), Daniel Neves, divulgou relatório sobre a situação dos arcos de pau-brasil. A pesquisa abordou os desafios enfrentados pelos fabricantes e exportadores que, além das dificuldades com a burocracia de licenciamento, também enfrentam uma incerteza regulatória que dificulta o planejamento de longo prazo. Além disso, músicos que viajam com arcos de pau-brasil precisam comprovar a legalidade do material, o que gera mais

complicações. “Até fevereiro de 2023, arcos finalizados podiam circular livremente, mas agora se foi exportado do Brasil após essa data, é preciso comprovar a legalidade”, explica.

A nova regulamentação tem como objetivo combater a extração ilegal de pau-brasil e garantir que a madeira utilizada para fabricar arcos seja rastreável. No entanto, especialistas alertam para os perigos de restrições excessivas, que poderiam estimular a formação de mercados paralelos para o comércio clandestino da madeira. A busca por um equilíbrio entre a proteção ambiental e a viabilidade da indústria de arquearia é crucial para o futuro do setor.

Para o violinista Diego Adinolfi, spalla* da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses), a diferença entre o pau-brasil e outras madeiras, como o ipê, é perceptível tanto

na sonoridade quanto na resposta tátil durante a execução musical. “Muda o som, a firmeza do ar. O arco com pau-brasil é bem mais firme, tem mais vibração. O instrumento soa mais. Também tenho arco de ipê, que para mim é o mais próximo do pau-brasil, mas a diferença é gritante”.

Adinolfi, que começou a tocar aos sete anos e já se apresentou nos Estados Unidos, Itália e Vaticano, também destaca o orgulho que sente ao tocar com arcos produzidos com madeiras brasileiras. “Já me peguei várias vezes pensando na origem do arco. Ainda mais porque sou do Espírito Santo, onde está concentrada uma das maiores quantidades de pau-brasil e de ipê no país. E saber que o arco é feito de uma madeira nativa do meu país me deixa muito orgulhoso”.

SUBSTITUIÇÃO

O uso do ipê, apesar de ser uma alternativa legal e sustentável, ainda enfrenta desafios de aceitação. Por ser

O violinista Diego Adinolfi, spalla da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses)



Archetier – Palavra francesa para “arco de violino” ou “archetista”, que se refere a alguém que faz ou repara arcos de violino, viola, violoncelo, entre outros instrumentos de corda friccionados. A palavra serve para descrever tanto o profissional que constrói e repara arcos, como também faz referência ao próprio arco em si.

Spalla – Em música, spalla (do italiano “ombro” ou “braço direito”) é o nome dado ao primeiro violino de uma orquestra. O spalla desempenha um papel crucial, sendo responsável por estabelecer o ritmo e a afinação da orquestra, além de executar solos e auxiliar o maestro.

mais densa e menos elástica que o pau-brasil, a madeira não possui as mesmas propriedades acústicas que fazem o pau-brasil ser considerado a melhor opção para a fabricação de arcos de violino de alta qualidade. No entanto, um estudo realizado pelo pesquisador Igor Mottinha Fomin, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), apontou que o ipê é tecnicamente apto para a produção de arcos profissionais.

Durante o estudo, os arcos de ipê foram testados por 16 violinistas profissionais, que avaliaram seu desempenho técnico em comparação com os feitos de pau-brasil. A pesquisa concluiu que o ipê apresenta

os requisitos necessários para a fabricação de arcos de violino, embora alguns músicos ainda preferiram os arcos de pau-brasil. O experimento também revelou que as propriedades físicas da madeira de ipê, como a densidade e a velocidade de propagação sonora, influenciam a percepção dos músicos em relação ao desempenho do arco.

O fato de que o ipê pode ser uma alternativa viável para a indústria de arquearia não significa que o pau-brasil deva ser completamente descartado. Especialistas sugerem que o manejo sustentável do pau-brasil, através do reflorestamento e de práticas agrícolas responsáveis, pode garantir a continuidade da utilização dessa madeira sem comprometer a preservação da espécie, como veremos a seguir.

PAU-BRASIL UNE CONSERVAÇÃO, RENDA E EDUCAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO

O pau-brasil ressurge como protagonista de uma estratégia que une conservação ambiental, geração de renda e valorização cultural no Espírito Santo. A madeira, historicamente apreciada pela excelência na fabricação de arcos de violino, só pode ser explorada legalmente quando proveniente de plantios sustentáveis, conforme determina o Código Florestal Brasileiro. “O pau-brasil tem madeira nobre e pode ser utilizado legalmente, desde que proveniente de plantios sustentáveis, inclusive em áreas de reserva legal. Isso permite ao produtor atender à legislação e ainda gerar renda”, afirma o secretário de Estado da Agricultura, Enio Bergoli.

A legislação permite que o pau-brasil seja plantado e explorado economicamente em áreas de reserva legal — diferentemente das

Áreas de Preservação Permanente (APPs), onde a exploração econômica é proibida. “É importante diferenciar reserva legal de APP. Nas reservas legais, é permitido plantar e explorar economicamente espécies nativas como o pau-brasil, desde que com

manejo sustentável. Já nas APPs, qualquer exploração econômica é vedada”, explica.

Isso representa uma oportunidade significativa, sobretudo em um contexto em que propriedades acima de quatro módulos fiscais já encerraram o prazo de inscrição no Cadastro Ambiental

A LEGISLAÇÃO PERMITE QUE O PAU-BRASIL SEJA PLANTADO E EXPLORADO ECONOMICAMENTE EM ÁREAS DE RESERVA LEGAL, DIFERENTEMENTE DAS APPS



FOTO LEANDRO RIDEUS

Rural (CAR) e têm 20 anos para regularizar passivos ambientais. Já os pequenos agricultores familiares, com até quatro módulos fiscais, têm até o dia 31 de dezembro deste ano para se inscreverem no CAR, passando também a ter 20 anos para a recuperação dos passivos a partir de 2026.

O potencial do pau-brasil vai além do valor madeireiro. A árvore tem se mostrado altamente eficiente como quebra-vento na cafeicultura, atividade econômica central no meio rural capixaba, com testes bem-sucedidos em Joassuba, zona rural de Ecoporanga, no noroeste capixaba. Além

do valor econômico e ambiental, a árvore também contribui para o aumento da disponibilidade de nitrogênio no solo, nutriente fundamental para o desenvolvimento das culturas agrícolas.

“O pau-brasil se adapta muito bem em regiões de diferentes altitudes, como Pedra Azul ou Aracruz. Pode ser uma excelente alternativa para formar renques de quebra-ventos na cafeicultura, ajudando a proteger as lavouras e aumentar a produtividade. É uma solução que une conservação ambiental com benefício direto ao produtor rural”, enfatiza Bergoli.

O pau-brasil também tem sido explorado no cultivo

de cacau por meio do sistema agroflorestal conhecido como cabruca, já praticado na Bahia.

RESTAURAÇÃO

O valor simbólico e educativo do pau-brasil também tem motivado ações de plantio em áreas urbanas e espaços públicos. O doutor em Ciência Florestal e ambientalista Luiz Fernando Schettino defende a presença da espécie em escolas, praças e parques. Para Schettino, projetos como o realizado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) no Bosque do Ibirapitanga, em Vitória, demonstram o potencial do pau-brasil como ferramenta pedagógica e restauradora.

Além da importância ecológica, a espécie contribui para a biodiversidade ao atrair polinizadores como abelhas e borboletas, abrigar aves e pequenos mamíferos e favorecer a regeneração do solo. “O plantio do pau-brasil em espaços públicos e propriedades rurais é uma chance de fortalecer a identidade ecológica e cultural do Espírito Santo, ao mesmo tempo em que promove educação ambiental e recuperação florestal”, afirma o ambientalista.

Com planejamento adequado, o plantio de pau-brasil pode ser parte estratégica da restauração florestal em áreas degradadas, contribuindo para a proteção de nascentes, melhoria da qualidade do solo e da água, e aumento da cobertura vegetal nativa.

O esforço para preservar o pau-brasil não se limita ao reflorestamento. O pesquisador Pedro Galvães (Embrapa Florestas e Incaper) alerta que, embora a espécie em geral não esteja em risco de extinção, algumas variações genéticas necessitam de preservação urgente. “Isso é fundamental para garantir a diversidade e a resiliência da árvore, que, como símbolo do Brasil, precisa ser protegida para as futuras gerações”.

Schettino defende o pau-brasil como símbolo vivo de educação ambiental e restauração ecológica em espaços públicos



DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA INDÚSTRIA E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL



O pesquisador Pedro Galvês diante de um exemplar de pau-brasil em Ibiraçu

FOTOS DIVULGAÇÃO



Pau-brasil servindo de quebra-vento para lavoura de café em Joassuba (Ecoporanga)

Galvês destaca a importância do uso de espécies nativas no reflorestamento sustentável. Em estudo realizado com outros especialistas, ele analisou os benefícios de sistemas agroflorestais que integram produção agrícola e conservação ambiental. “O pau-brasil, além de seu valor econômico,

pode ser uma excelente alternativa para a recuperação da Mata Atlântica, principalmente em áreas de sombreamento”, ressalta. Ele também destaca a seringueira como espécie complementar, pela alta capacidade de reciclagem de carbono e adaptação a essas condições.

Os conhecimentos vêm sendo aplicados pela Secretaria de Estado da Agricultura (Seag) por meio do Programa de Desenvolvimento Florestal, que inclui a distribuição de mudas de pau-brasil para produtores rurais. Somente neste ano, mais de 30 mil mudas foram entregues, utilizadas em recuperação de áreas degradadas, arborização urbana, formação de quebra-ventos em lavouras de café e plantios comerciais. No total, o programa de fomento já distribuiu cerca de 350 mil mudas em duas décadas. No entanto, o pesquisador da Embrapa Florestas alerta que “as recentes restrições à comercialização da madeira estão desestimulando os produtores que participaram do fomento desde o início. Temos casos de assentados do Incra (Instituto Nacional de Colo-

nização e Reforma Agrária) profundamente frustrados por esperarem duas décadas e que agora não têm como vender o produto”.

Até o ano 2000, a extração do pau-brasil era regulada principalmente pelos Códigos Florestais do século 20 e, anteriormente, por normas da Coroa Portuguesa, como a exigência de autorização para exploração em 1799. A partir dos anos 2000, com o surgimento de uma indústria de arquearia sustentável no Espírito Santo, começaram a surgir diversas novas normas nacionais e internacionais. Mais de uma dezena de decisões e restrições ambientais — de leis a diretrizes da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (Cites) e da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) — passaram a incidir sobre o setor.

Dois relatórios técnicos recentes reforçam a viabilidade da exploração sustentável do pau-brasil. Estudos divulgados em 2025 por especialistas internacionais concluíram que os estoques de plantios comerciais existentes no Espírito Santo e na Bahia são suficientes para atender à demanda atual do mercado.

14^a
Feira de
Negócios
Coocafé

31 DE JULHO
A 2 DE AGOSTO



ARMAZÉM AREADO
LAJINHA/MG

**MAIARA &
MARAISA**

15 DE AGOSTO

ARMAZÉM AREADO - LAJINHA/MG

COOCAFEST
2025

Festival discute oportunidades e fortalecimento da cadeia produtiva da pimenta-rosa

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

São Mateus, o maior produtor e exportador de pimenta-rosa do país, recebeu no dia 6 de maio a 3ª edição do Festival Brasileiro da Pimenta-Rosa. O evento, que celebrou o potencial econômico, social e ambiental da aroeira, planta nativa da Mata Atlântica, reuniu especialistas, agricultores, extrativistas, empreendedores e representantes de instituições públicas e privadas, de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.

Com caráter regional e alcance nacional, o objetivo do festival foi o fomento e a troca de conhecimento, experiências e inovações em torno da especiaria. Para alcançar esse propósito, a programação do encontro incluiu palestras, mesas-redondas, oficinas, rodas de conversa, exposições e atrações culturais.

O ponto alto do evento, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Campus São Mateus, foi o anúncio da parceria de uma produtora de São Mateus com a Natura Cosméticos, para o fornecimento da especiaria para produção de perfumes.

Outro destaque foi a abordagem sobre o cadastramento e a entrega de carteirinhas a coletores de produtos florestais não madeireiros, que reconhece formalmente o trabalho dos extrativistas e valoriza o manejo sustentável da aroeira no Estado.

A coordenadora de Recursos Naturais do Incaper, Fabiana Ruas, que organizou o encontro, explica que a ideia do Festival é juntar as pessoas que atuam com a especiaria, direta ou indiretamente, para discutir e melhorar toda a cadeia produtiva.

“A pimenta-rosa vem ganhando cada vez mais espaço na gastronomia, cosmética, medi-



FOTO DIVULGAÇÃO

Fabiana Ruas, coordenadora do Festival e a palestrante Camila dos Santos Nogueira

cina natural e nos mercados internacionais, e o Festival é uma maneira de fortalecer a cadeia produtiva da aroeira, incentivar o uso sustentável dos recursos naturais, valorizar o conhecimento tradicional das comunidades e fomentar oportunidades de negócios”, conta Fabiana.

Ruas disse ainda que a aroeira, árvore que produz a pimenta-rosa, está presente em todo o litoral do Brasil, porém, estudos apontam que a pimenta-

-rosa produzida em São Mateus tem características de excelência, e os estudos, que começaram há quase 20 anos, vão continuar.

Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer e degustar produtos artesanais como queijos e derivados, óleos essenciais, mel, própolis, pães, biscoitos, geleias, molhos e tortas, feitos com a especiaria.

O Festival foi realizado pelo Incaper, em parceria com o Crea-Jr ES e outros apoiadores.

Saiba mais em:

@cresol.com.br

@cresolfronteiras

/cresolfronteiras



Toda conquista
tem um

começo

e todo começo
tem Cresol.



CRESOL

HÁ 30 ANOS, TUDO COMEÇA *por você.*

**Sergio Rodrigues Dias Filho**

Sergio Rodrigues Dias Filho OAB/ES 18.627. Renata Aparecida Lucas, OAB/ES 7.642. Sócios do DIAS FILHO & LUCAS, escritório de consultoria jurídica especializado em agronegócios e turismo rural. Mais informações em contato@diasfilhoelucas.com.br

SEBASTIÃO SALGADO, UMA INSPIRAÇÃO

Inspirados por Sebastião Salgado, que “semeou esperança onde havia devastação e fez florescer a ideia de que a restauração ambiental é também um gesto profundo de amor pela humanidade” (Instituto Terra), em nosso primeiro artigo, escolhemos trazer para você, leitor, um tema dentre os mais caros para o nosso sempre ilustre fotógrafo brasileiro que se despediu recentemente. Ainda tocados por essa despedida, nos lembramos de duas histórias.

“Meu sonho é adquirir aquele pedaço vazio de terra, danificado, e transformar aquilo em uma floresta. Uma floresta viva, sabe? Esse seria o meu legado”. Certa vez nós escutamos de um amigo, morador da capital, essa frase que, certamente, traduz bem um desejo de compreender como podemos fazer a diferença em nossa jornada.

Outro dia, em nossas andanças atendendo empreendedores rurais e do turismo, tomamos um café com um produtor: estava pensativo, olhando a passarada que cantava e se arrumava nas árvores da reserva legal. Vendo os pássaros, ele mencionava as dificuldades, especialmente as financeiras e as de sucessão familiar, que vinha enfrentando para manter tanto a propriedade quanto a agroindústria da família.

Mas você, caro leitor, pode estar se perguntando: o que o nosso amigo e o produtor rural têm em comum? A resposta pode parecer estranha de

tão simples, pois se resume a uma palavra: OPORTUNIDADE! Vamos explicar melhor.

Seja para proteger um legado, seja para desenvolver uma nova fonte de renda, a criação de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) tem se mostrado uma forte tendência e uma alternativa muito interessante.

Em resumo, a RPPN é uma unidade de conservação privada protegida por lei e reconhecida perpetuamente pelo Estado a partir de um ato voluntário do proprietário da área, que pode equivaler à totalidade ou a uma parcela da área destinada à reserva legal da propriedade, com o objetivo de preservar a diversidade biológica e gerar novas oportunidades sustentáveis de renda aos produtores, como atividades destinadas à pesquisa científica, ao turismo de experiência e a visitas com finalidades culturais e pedagógicas.

Além de proporcionar renda nova, há inúmeros benefícios, tais como: isenção do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR) correspondente à área preservada; preferência na análise de concessão de crédito agrícola; apoio de projetos governamentais diversos; agraga valor à propriedade e aos negócios; viabiliza a participação em projetos e parcerias com empresas privadas, fundações públicas e organizações não governamentais; dentre tantos outros.

Por outro lado, caro leitor, não podemos deixar de lembrar que a criação de uma RPPN também apresenta desafios em sua implementação e sustentabilidade.

Como advogados especializados em empreendimentos rurais e turísticos, prestamos consultoria jurídica e vivemos o (e no) rural. Sabemos que a vida aqui, muitas vezes, é bem diferente da ideia “romântica” que muitos têm de longe. Não existem soluções mágicas. Não há “chave que abra todas as portas”. Nem sempre o que funciona bem para o seu vizinho, será uma boa alternativa de renda para a sua propriedade rural. Por isso, em primeiro lugar, tenha estratégia: identifique a parcela da propriedade rural que seja mais adequada para receber a RPPN e, com ela, impactar positivamente a produção atual, as novas atividades produtivas e, inclusive, os planos para a sucessão familiar e a preservação da harmonia da família.

Para isso, busque o apoio de profissionais experientes em agronegócios para realizarem uma análise que considere o grau de vulnerabilidade jurídica de sua operação e identifique os instrumentos legais aptos ao fortalecimento da segurança jurídica dos negócios e da proteção do patrimônio da família, acompanhada de um qualificado plano de manejo que identifique todas as potencialidades de sua propriedade e auxilie no mapeamento das melhores atividades a serem nela desenvolvidas, incluindo estratégias sustentáveis que fundamentem ações de captação, gestão e execução de recursos que assegurem sua viabilidade.

Queremos terminar lembrando que você, empreendedor rural, é um grande tomador de decisões e que estas apresentam suas consequências além das fronteiras de sua propriedade, como no caso da criação de uma RPPN, cujos impactos positivos não se limitam às questões ambientais, mas também podem ser mensuradas em termos sociais e econômicos, para dentro e fora da sua propriedade, para agora e para além do nosso tempo.

Sebastião Salgado, obrigado.

ENTRADA
GRATUITA



RuralturES

FEIRA ESTADUAL DE TURISMO RURAL

**EXPERIÊNCIAS SUSTENTÁVEIS QUE
TRANSFORMAM O TURISMO RURAL.**

**14 a 17
AGOSTO**

**DISTRITO TURÍSTICO
PINDOBAS**
Venda Nova do Imigrante . ES

TURISMO | EXPERIÊNCIAS | NEGÓCIOS



Aponte a câmera
do seu smartphone
para o QR Code acima
e conheça mais
sobre a RuralturES

Realização



Apoio

AGROTURES

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES E COMERCIANTES



@ruraltures | www.ruraltures.com.br

Espírito Santo dá início à colheita do gengibre da safra 2025

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo reafirmou seu protagonismo na produção nacional de gengibre ao realizar o lançamento oficial da colheita da Safra 2025, em maio, durante o Dia Especial sobre a Cultura do Gengibre, no Galpão Djalma Plaster, em Santa Maria de Jetibá. O evento foi promovido pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) e do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper).

Líder absoluto no cultivo e exportação do rizoma, o Espírito Santo é responsável por 75% da produção brasileira e por 57% das exportações nacionais de gengibre. Em 2024, a produção estadual foi estimada em 77,7 mil toneladas, com destaque para os municípios de Santa Leopoldina (31,5 mil toneladas), Santa Maria de Jetibá (26,4 mil toneladas) e Domingos Martins (16,3 mil toneladas). Os outros produtores são Itarana (2 mil toneladas), Cariacica (600 toneladas), Marechal Floriano (600 toneladas), Santa Teresa (322 toneladas) e Alfredo Chaves (50 toneladas).

A produtividade média atual da cultura no Estado é de 60,5 toneladas por hectare, e a renda gerada nas propriedades rurais chegou a R\$ 293,4 milhões em 2023, segundo a Gerência de Dados e Análises da Seag, com base em levantamento do IBGE, Painel Agro e Incaper.

Durante a solenidade, também foram realizados o lançamento da cartilha “Gengibre: Como Produzir Rizomas de Qualidade para Exportação”, de autoria do coordenador do CDRC Serrano do Incaper, Galderes Magalhães de Oliveira, e a palestra “Controle de Pragas e Doenças do Gengibre - Aspec-

to Técnico e Legal”, ministrada pelo professor e doutor em Fitopatologia, Antonio Fernando de Souza, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes).

O Dia Especial sobre a Cultura do Gengibre reuniu autoridades, agricultores, técnicos, estudantes e lideranças locais, fortalecendo a troca de conhecimento e incentivando boas práticas na cadeia produtiva. O evento reforça o papel estratégico do Espírito Santo na produção de alimentos diferenciados, com alto valor agregado e forte presença internacional.

Para baixar a cartilha "Gengibre: como produzir com qualidade para exportação", acesse <https://curt.link/ilcpQ>

FOTO HENRIQUE FAJOLI/SEAG



Líder absoluto no cultivo e exportação do rizoma, o Espírito Santo é responsável por 75% da produção brasileira e por 57% das exportações nacionais de gengibre

A força do Brasil está no agro.

SAFRA
25/26

E quando o agro precisa
de uma força, pode contar
com o Sicoob.

Custeio
Comercialização
Industrialização
Investimentos
Seguro Rural

Fale com seu gerente
e contrate.

sicoob.com.br

Central de Atendimento

Atendimento WhatsApp: 61 4000 1111 | Atendimento via ligação: 61 4000 1111

Demais regiões: 0800 642 0000 | Exterior (ligue a cobrar): +55 61 3030 6717

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 (de segunda a sexta, das 8h às 20h)

SAC 24 horas: 0800 724 4420 (informações, dúvidas, reclamações e comunicação de ocorrência de fraude) | Canais de oferta Sicoob Pra Você: 41 3180 0676

Ouvintidora: 0800 725 0996 (de segunda a sexta, das 8h às 20h) - ouvidoriasicoop.com.br

Mais que uma
escolha financeira.

 **SICOOB**

Como economizar com irrigação e fertirrigação em pequenas propriedades

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Tecnologia que cabe no bolso: Danilo Trevizani, de São Mateus (ES), adotou o sistema da Smartirriga e viu sua lavoura render mais com menos custo e esforço

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Os desafios do agronegócio — a indústria a céu aberto — são muitos: escassez de mão de obra, a necessidade de fazer mais com menos e a busca constante por práticas sustentáveis. Para o pequeno produtor, esses problemas pesam ainda mais. Nesse cenário, a empresa capixaba Smartirriga vem se destacando com a automação da irrigação e fertirrigação por um preço que cabe no bolso de todo produtor, já que não exige investimento em estrutura, apenas a contratação de um serviço.

Dono de uma propriedade de 20 hectares (Córrego Prata I), em São Mateus (ES), Danilo Trevizani atesta a praticidade do sistema. “Antes, eu precisava ficar o dia inteiro de olho na irrigação ou pagar alguém para isso. Agora, com a Smartirriga, tudo é automático e preciso. O sistema entende a necessidade da

planta melhor do que a gente. Ele é uma sentinelas: vigia 24 horas tudo o que está acontecendo. Ganhei tempo, economizei água e dinheiro, e a produção aumentou em 10 sacas por hectare, em média”, afirma o produtor de café conilon, no norte do Espírito Santo.

Trevizani explica que, mesmo tendo uma área pequena, valeu muito a pena investir no sistema. “Ele se paga, mesmo em pequenas áreas, porque não há desperdício de fertilizante, não preciso pagar mão de obra, economizo energia e a produção aumenta. São muitos benefícios”, diz.

COMO FUNCIONA?

Com clientes no Espírito Santo e em outras partes do país, a Smartirriga atua diretamente no controle da motobomba do sistema de irrigação, tomando decisões automáticas sobre quando ligar e desligar o equipamento. Esse processo se baseia em dados climáticos (como evapotranspiração, temperatura, volume de chuva e umidade relativa

do ar), culturais (tipo de cultura, área da planta, estágio de desenvolvimento, entre outros) e operacionais (tipo e vazão do emissor, eficiência do sistema e turno de rega).

Na prática, o dispositivo — um pouco maior do que um modem de internet — realiza toda a “leitura” da lavoura e otimiza o uso de água e fertilizantes. Por exemplo, em dias chuvosos, a estação meteorológica instalada na propriedade envia ao equipamento as informações climáticas. Dependendo do volume de chuva, o sistema não liga a bomba. Já em dias mais quentes e secos, ele calcula automaticamente por quanto tempo a bomba deve operar para fornecer a quantidade ideal de água às plantas. Tudo isso por R\$ 750 mensais — menos de meio salário mínimo.

EFICIÊNCIA NO USO DA ÁGUA

A economia de recursos hídricos é um dos principais benefícios do sistema. Ao monitorar e ajustar a irrigação conforme as necessidades específicas de cada cultura e as condições climáticas,



Dispositivo realiza toda a “leitura” da lavoura e otimiza o uso de água e fertilizantes

o dispositivo evita desperdícios e promove o uso racional da água — um recurso vital e cada vez mais escasso.

Além disso, a automação reduz a dependência de mão de obra, permitindo que os agricultores se concentrem em outras atividades essenciais. A economia é visível: o uso eficiente de água e energia elétrica reduz significativamente os custos operacionais.

Simples como o uso de um celular, o sistema pode ser acessado por meio de um WebApp responsivo, compatível com celulares, tablets e computadores. Isso permite que os produtores monitorem e controlem a irrigação em tempo real, de qualquer lugar, com praticidade e eficiência na gestão.

FERTIRRIGAÇÃO AUTOMÁTICA

Além do manejo da irrigação, a Smartirriga também oferece o serviço de fertirriga-

sistema funciona tanto com uma única caixa quanto no modelo multicaixas.

O produtor deixa a mistura pronta no reservatório e a Smartirriga realiza a aplicação dos fertilizantes para cada setor de irrigação de forma individualizada e personalizada. O agricultor define o tempo de pressurização, o tempo de injeção e o tempo de limpeza da tubulação. Essas informações são inseridas na plataforma, e a Smartirriga executa automaticamente a fertirrigação, aproveitando o próprio ciclo de irrigação. Ou seja, não é necessário manter um funcionário dedicado a essa atividade.

A Smartirriga é adaptável a propriedades de todos os tamanhos, de pequenas a grandes fazendas. Além disso, a plataforma permite ao produtor monitorar em tempo real todas as ações realizadas, além de gerar relatórios detalhados sobre as operações no campo. Também é possível acessar relatórios de sustentabilidade, com dados sobre o consumo hídrico (em m³/ha) por saca ou quilo produzido.

ção automática. Para utilizá-lo, o produtor precisa apenas de uma bomba injetora e uma caixa ou reservatório para a mistura dos fertilizantes. O

Automação reduz a dependência de mão de obra, permitindo que os agricultores se concentrem em outras atividades essenciais



Pimenta-rosa capixaba conquista marca internacional de cosméticos



Produtora de São Mateus, Ana Paula Martin se tornou fornecedora da Natura

_REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
_jornalismo@conexaosafra.com

Uma das maiores marcas de cosméticos do mundo iniciou a utilização de pimenta-rosa – fruto da aroeira – produzida no Espírito Santo em suas novas fragrâncias. O anúncio foi feito durante o 3º Festival Brasileiro da Pimenta-Rosa, realizado em maio, em São Mateus, pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) e parceiros.

Em palestra *on-line* no evento, as pesquisadoras da área de bioingrediente da Natura Cosméticos, Yorgana Yajure e Caroline Stüker, revelaram que a empresa selou acordo com a produtora rural Ana Paula Martin, do município de São Mateus, para fornecimento da especiaria. A parceria é resultado de anos de articulação, com suporte técnico e institucional do Incaper.

De acordo com Fabiana Ruas, extensionista do Incaper que prestou assistência técnica à produtora e coordenou a emissão dos laudos que atestam a excelência da matéria-prima



FOTO ARQUIVO INCAPER

capixaba, o vínculo entre a área de pesquisa da Natura e a produção de pimenta-rosa no Espírito Santo teve início em 2022, quando Yajure participou presencialmente da primeira edição do festival. Três anos depois, a parceria foi anunciada no mesmo evento, evidenciando a força da integração entre mercado, pesquisa, extensão e agricultura.

Com o novo contrato, a Natura substitui a pimenta-rosa importada que utilizava por um ingrediente 100% capixaba, cultivado em São Mateus, maior polo nacional da especiaria, detentor da Indicação Geográfica (IG) do produto

conquistada com apoio técnico do Incaper, em 2023. O insumo capixaba agora compõe fragrâncias da marca que foram lançadas para o Dia das Mães, com direito a uma campanha que valorizou a origem do produto e a história da produtora local.

“Esse é um grande marco para a cadeia da pimenta-rosa do Espírito Santo e também para o trabalho técnico que temos desenvolvido ao longo dos anos. É uma conquista que envolve ciência, extensão rural e o protagonismo de uma produtora comprometida com a qualidade”, ressaltou Fabiana Ruas.

A produtora Ana Paula Martin destacou que o suporte técnico da extensionista foi fundamental para aprimoramento do cultivo e envio de amostras do produto para análise. Mesmo após perder uma lavoura por excesso de chuvas, ela reestruturou a produção e alcançou alta qualidade, reconhecida pela Natura.

“Estou muito feliz em ver a pimenta-rosa que produzo sendo escolhida para substituir um produto antes importado. É um orgulho para o Espírito Santo. Agradeço muito ao Incaper pelo apoio nesses anos”, salientou.

“ESTOU MUITO FELIZ EM VER A PIMENTA-ROSA QUE PRODUZO SENDO ESCOLHIDA PARA SUBSTITUIR UM PRODUTO ANTES IMPORTADO. É UM ORGULHO PARA O ESPÍRITO SANTO. AGRADEÇO MUITO AO INCAPER PELO APOIO NESSES ANOS”
ANA PAULA MARTIN

Novas gerações despontam na produção de café na região do Caparaó

ARQUIVO PESSOAL



SUCESSÃO FAMILIAR NA CAFEICULTURA CAPIXABA MANTÉM VIVA E EM FRANCA EXPANSÃO A PRODUÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS NO ESTADO

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SEBRAE

Há séculos, o cultivo do café desempenha um importante papel na economia do país. Instituído em 2005 pela Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic) para marcar o início da colheita das principais regiões cafeiras do Brasil, o Dia Nacional do Café, celebrado no dia 24 de maio, busca valorizar e homenagear a bebida que representa uma verdadeira paixão nacional e que não pode faltar na mesa da maioria dos brasileiros.

Tradicional como a própria bebida, o cultivo do café na região do Caparaó ultrapassa gerações e vem despertando o interesse e conquistando os corações de agricultores mais jovens da localidade. Um legado que, ainda que timidamente, vem

sendo passado de pai para filho nos últimos tempos e tem contribuído diretamente para garantir a qualidade da produção local.

“A sucessão familiar no cultivo do café ainda é um pouco tímida no Espírito Santo, mas, na região do Caparaó, vem sendo incentivada e priorizada, dada a sua importância como forma de perpetuação da atividade”, aponta Leonardo Ferreira dos Santos, analista da regional Caparaó do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Espírito Santo (Sebrae/ES).

É o que mostra a história da família Lacerda, na qual o cultivo do café teve início quando o patriarca, Onofre Alves de Lacerda, ainda era criança. “Hoje, o meu pai já está com 80 anos. Antes dele, o meu avô já produzia aqui nessa microrregião do Caparaó”, conta José Alexandre Lacerda, que segue dando continuidade à tradição familiar em suas propriedades, localizadas em Dores do Rio Preto (ES) e em Espera Feliz (MG).

Segundo José Alexandre, o seu pai manteve e criou toda a família graças à cultura do café. “Nesses longos anos, vimos e vivenciamos alguns períodos de crise na cafeicultura e, para garantir a manutenção

e o sustento da nossa família, precisamos intercalar a nossa atividade principal com o cultivo de outros produtos, como batata, milho, cebola e feijão”, recorda

Unanimidade entre os amantes da bebida, foi o seu pai que, há muitos anos, vislumbrou a possibilidade de produzir os chamados cafés especiais, produtos que são caracterizados por apresentarem um padrão de qualidade superior ao dos tradicionais. Visionário, Onofre percebeu uma oportunidade nesse nicho de mercado antes mesmo de o segmento se tornar uma tendência.

“Atualmente produzimos algumas variedades de café, como Caparaó Amarelo, o Catuaí Vermelho, o Gueixa e outros, que são produzidas por meio de processos variados, como o fermentado, o natural e o cereja descascado. E, dentro dessa multiplicidade de opções, conseguimos produzir opções diferentes para atingir mercados distintos. É uma grande responsabilidade entender o que foi iniciado pelo nosso pai, que é trabalhar na qualidade dos nossos cafés, e entregar essa qualidade na mesa das pessoas. E, felizmente, também temos conseguido transmitir isso para os nossos filhos”, comemora José Alexandre.

João Vitor, de 22 anos, filho de José Alexandre, é uma prova viva de que a transmissão do conhecimento entre gerações traz resultados positivos. Ele, que

tem seguido o legado dos seus antepassados buscando agregar conhecimento, inovação e tecnologia à produção de café nas propriedades da sua família, já foi, inclusive, premiado recentemente.

Em 2023, ele conquistou a segunda colocação no Coffee of the Year, concurso voltado para produtores de todas as regiões do Brasil que tem como objetivo reunir os melhores cafés do país e eleger os grandes destaques do ano, incentivando assim o desenvolvimento e o aprimoramento da produção nacional e a divulgação de novas origens do café.

“É uma alegria muito grande perceber que o que a nossa família começou há muitos anos é uma realidade e que hoje vivemos disso, conseguindo transmitir essa tradição não só para os nossos filhos, mas também para as pessoas que convivem conosco no dia a dia. Ver o meu filho tomando a decisão de se manter no campo, de se aprofundar mais no aprendizado da cafeicultura e de ser premiado pelo trabalho que realiza é motivo de muito orgulho.”

José Alexandre reforça a importância de manter a família unida em torno do cultivo do café. “Hoje, o que eu considero mais importante na produção dos cafés especiais é ver que a nossa família permanece no campo, unida. Aqui, temos qualidade de vida e condições de estarmos próximos uns dos outros.”

PRODUÇÃO ENTRE FRONTEIRAS

A sucessão familiar é uma realidade também na família Protazio, que assim

como os Lacerda, produz cafés na região do Caparaó. Com propriedades localizadas no ES e em MG, Manoel Protazio é o típico produtor que oscila na fronteira dos estados, onde a altitude e as condições climáticas propiciam a produção de cafés especiais. A sua lavoura capixaba é vizinha direta do Parque Nacional do Caparaó, com altitude média de 1.200 metros.

Esposa, filhos, genros, noras e netos participam com ele do cultivo do café que, segundo ele mesmo conta, iniciou na sua família nos tempos do seu pai, José Marques de Abreu Neto, na década de 1940, e continua ativa desde então.

Segundo ele, desde a chegada do descascador comunitário, em 2010, sua família vem conquistando prêmios e notoriedade na produção de cafés de alta qualidade. Ele se diz surpreso com a rápida ascensão e com o potencial dos cafés da região, mas extremamente satisfeito com os resultados alcançados.

“A cafeicultura vem passando de geração em geração, mantendo viva a tradição da agricultura familiar para atingir o objetivo, que é levar café de qualidade para os nossos consumidores”, relata.

INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS

Como parte da estratégia para fortalecer a atividade na região e de incentivar uma maior participação de jovens no cultivo do produto, no início deste ano foi realizado o Conexão Caparaó 2025. Promovido anualmente, o evento tem como objetivos promover a integração, a divulgação e a comercialização dos cafés especiais da região.

Organizado pela Associação de Produtores Rurais de Pedra

Menina (Aprupem), distrito do Caparaó, e com uma programação vasta envolvendo palestras, oficinas e exposições, entre outras atividades, a iniciativa contou ainda com um concurso de qualidade de cafés, cujos vencedores foram jovens produtores da região.

“O Espírito Santo possui três Indicações Geográficas (IGs) para o café, que são Caparaó para o café arábica, Montanhas do Espírito Santo para o café arábica e Espírito Santo para o café conilon. A qualidade do café capixaba é indiscutível e, por isso, é importante ter meios para dar continuidade a essa tradição”, destaca a analista técnica do Sebrae/ES, Jhenifer Soares.

Segundo ela, a sucessão familiar é um tema preocupante para os cafeicultores capixabas, que querem dar continuidade à qualidade do produto e à tradição familiar. “Antigamente, os filhos saíam do campo para estudar e não voltavam. Hoje, já existe um movimento contrário e que vem ganhando força. Os jovens vão para a cidade em busca de conhecimento e de especialização, mas retornam para o campo levando inovação, tecnologia e estratégias modernas de gestão. Isso resulta em um modelo de negócios mais eficiente e sustentável, alinhado às demandas do mercado”, relata.

Além da implementação de tecnologia na produção, Jhenifer explica que muitos jovens estão investindo em cafés especiais, agregando valor ao produto e explorando novas oportunidades de comercialização, como vendas diretas e exportação. Há, também, um movimento forte de digitalização, com o uso de redes sociais para promover marcas e conectar produtores aos consumidores.

“Nos eventos em que temos levado os cafeicultores, como o ESX, a Semana Internacional do Café e a feira da Associação Capixaba de Supermercados (Acaps), entre outros, é muito comum ver o envolvimento desses jovens na gestão dessas marcas de cafés especiais. Cada vez mais eles estão se preparando e atuando fortemente para expandir os negócios da família.”

Passado, presente e futuro da inovação no agro capixaba

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo se destaca no cenário agrícola nacional, e grande parte dessa trajetória de sucesso se deve ao trabalho da pesquisa e extensão rural, capitaneado pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). Fundado com o nome de Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária (Emcapa), o instituto não apenas acompanhou as transformações do campo, mas também

se tornou protagonista, impulsionando a produção, a qualidade e, cada vez mais, a sustentabilidade da agricultura no Estado. Em um bate-papo exclusivo no podcast Conexão Safra, o diretor técnico do Incaper, Antônio Elias traçou um panorama da atuação do instituto, desde os desafios do passado até as perspectivas para

um futuro marcado pelas mudanças climáticas e pela busca por inovação constante.

A história do Incaper se entrelaça fortemente com a da cafeicultura capixaba. Nos anos 1960 e 1970, o Espírito Santo, que até então se destacava como grande produtor de café arábica, passou por erradicações que impactaram profundamente a produção. Essa medida estabeleceu níveis altitudinais, restringindo o cultivo de arábica abaixo dos 400 metros. Naquele cenário, municípios localizados em áreas mais baixas buscaram alternativas, culminando em um movimento que, por meio de pesquisas, identificaram espécies promissoras para essas altitudes, resgatando variedades não comerciais e desenvolvendo o cultivo. Foi aí que “nasceu” o conilon capixaba.

Antônio Elias relembrou também o período após a extinção do Instituto Brasileiro do Café (IBC), em 1990, quando o Estado assumiu um papel central no desenvolvimento do setor. “Fizemos logo um programa de pesquisa. Naquela época, o café conilon dava, em média, sete sacas de café por hectare e o café arábica, nove sacas. Só em comparação, hoje em dia a média do conilon são 35 sacas”, explica o diretor.



Ele citou ainda uma terceira onda da cafeicultura, que é a da sustentabilidade. "Agora, não é só a produtividade, mas a qualidade e a sustentabilidade. Nossos programas são casos de sucesso e a gente percebe isso na ponta, quando ouvimos cafeicultores que já passaram por tudo, até a erradicação dos cafezais e tiveram de se reinventar".

Além do café, o Incaper teve um papel fundamental no desenvolvimento de outras culturas importantes para o Estado, como o mamão e a banana. No caso do mamão, o instituto desenvolveu variedades adaptadas às condições locais e técnicas de manejo que permitiram a retomada das exportações. Isso porque os pesquisadores identificaram o momento ideal da colheita, o que eliminava o risco de transportar a mosca da fruta, praga inexistente no mercado comprador.

Já na bananicultura foi crucial na seleção de materiais resistentes a doenças como o mal de sigatoka e a fusariose, resultando em variedades amplamente consumidas hoje. "Esse trabalho de seleção de materiais resultou no desenvolvimento das variedades Vitória e Japira, que são as bananas prata que consumimos hoje. Embora outras variedades como a maçã e a prata antiga ainda existam, elas se mostraram mais suscetíveis a problemas ao longo do tempo, tornando as novas variedades essenciais para garantir a qualidade da banana que chega à nossa mesa", disse.

DESAFIOS

Em resposta às crescentes demandas e aos desafios impostos pelas mudanças climáticas, pesquisas avançadas têm sido conduzidas para aumentar a tolerância à seca e às altas temperaturas em culturas como café e pimenta-do-reino. Estratégias inovadoras incluem o desenvolvimento de "protetores solares" para as plantas. O foco do trabalho abrange desde o melhoramento genético até a proteção foliar, visando não apenas à produção de frutos, mas também à proteção da floração. O Espírito Santo se destaca nesse cenário como um dos Estados mais avançados, atuando em diversas frentes, que incluem a pesquisa do Incaper, o apoio do governo com a construção de barragens e o engajamento dos produtores, reconhecendo que a superação desses desafios requer um esforço conjunto.

Nos últimos anos, o Incaper tem passado por um processo de modernização e fortalecimento. Antônio Elias celebrou os investimentos na estrutura de pesquisa e extensão rural, além de um programa de recuperação dos escritórios do instituto em todo o Estado. O diretor técnico do Incaper também enfatizou a importância das parcerias com outras instituições de pesquisa e ensino, como a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e o Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), que têm contribuído para o avanço da pesquisa agropecuária no Estado. Ele também mencionou a colaboração de outras entidades, que apoiam financeiramente os projetos de pesquisa e oferecem crédito rural aos agricultores.

Com uma equipe renovada e um amplo portfólio de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação, avalia Antônio Elias, o Incaper vive um novo momento, reafirmando seu protagonismo no cenário agrícola capixaba. "Hoje, o Incaper recuperou o protagonismo no campo da extensão e também da pesquisa".

FOTO: ILUSTRATIVA / FREEPIK



Inscrições abertas para credenciamento de profissionais de saúde e instrutores do agro



O SENAR-ES ABRE CADASTRO PARA TÉCNICOS E INSTRUTORES RELACIONADOS À ÁREA DE SAÚDE E AO MEIO RURAL

Estão abertas as inscrições para o credenciamento de prestadores de serviços para o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES). Os cadastros são para os serviços de instrutores relacionados ao meio rural e técnicos das áreas de saúde, para o Programa Saúde no Campo.

As etapas para os interessados da área de saúde consistem na inscrição, na habilitação jurídica e na qualificação técnica. Durante a primeira fase, deve-se optar pela área em que pretende oferecer os serviços, conforme os requisitos correspondentes: Técnico de Saúde Rural ou Supervisor Técnico de Saúde Rural.

A etapa de habilitação jurídica confere a documentação legal que comprova que o profissional está regularizado, enquanto a qualificação técnica refere-se à comprovação de que o selecionado possui experiência e capacidade técnica para realizar o objeto do contrato ou licitação.

Os serviços de instrutoria também estão com credenciamento aberto. Os instrutores atuam nas atividades educacionais da Formação Profissional Rural (FPR) e Promoção Social (PS) do Senar-ES, incluindo cursos, treinamentos, planejamentos, palestras, seminários, oficinas metodológicas, entre outras.

Os selecionados no credenciamento de instrutor, além das

fases de inscrição, habilitação jurídica e qualificação técnica, ainda devem passar por entrevistas, apresentação de minicurso, Treinamento Metodológico para Instrutores (TMI) e nivelamento da regional.

A entrevista deve ter duração máxima de 30 minutos e será conduzida por meio da Cultura e Missão da Empresa, conhecida como "Fit profissional". A minicurso terá o mesmo tempo cedido para apresentação e poderá ser realizada de forma virtual ou presencial, de acordo com a decisão do Senar-ES.

O TMI consiste em um treinamento que orienta as práticas pedagógicas e educacionais adotadas pelo Senar Nacional. Aquelas que passarem desta etapa devem anexar o certificado na área de inscrição. As práticas adotadas no TMI serão cobradas no nívelamento da regional, última fase do processo, que acontecerá presencialmente.

No momento, há vagas disponíveis para cadastro de prestadores de serviços em áreas como mecanização agrícola, produção artesanal de alimentos, operação de drones, primeiros socorros e cuidados em saúde rural. Quando houver novas oportunidades de credenciamento, a divulgação será feita por meio de nossos canais de comunicação.

As inscrições devem ser feitas unicamente no site da dematech do Senar-ES: dematech.io/credenciamento-empresas/senar-es.

PLANO SAFRA 25/26

***Quem faz
o Brasil girar,
tem com
quem contar.***

No Sicredi, você conta com todas as modalidades de crédito rural para incentivar seu crescimento, seguros para proteger sua produção e patrimônio. E, claro, um gerente parceiro que ajuda sua produção a prosperar.



Fale com nossos gerentes e inicie seu planejamento.



SAC: 0800 724 7220

Atendimento a pessoas com deficiência
auditiva ou de fala: 0800 724 0525

Ouvidoria: 0800 646 2519

**É ter com
quem contar.**

 **Sicredi**

The Sicredi logo consists of a stylized sunburst icon followed by the word "Sicredi" in a bold, lowercase, sans-serif font.



John Adão
21 99903 5201 / Instagram: @jornalismofitness

O produtor de conteúdo John Adão se encantou com a juçara, desde o cultivo até os produtos derivados do fruto

Juçara: o sabor da floresta que fez brotar uma festa!

Até onde uma semente pode crescer?
Até onde uma boa história pode chegar?

Admito: existem histórias mais fáceis de contar do que outras. Algumas são grandes demais para caber em palavras.

Mas vamos nos esforçar para contar esta com o respeito e o encanto que ela merece — porque sim, é uma história com final surpreendentemente feliz.

Mas antes, vale falar um pouco sobre a palmeira juçara.

Num resumo nada técnico (e bem apaixonado), dá pra dizer que ela é a nossa versão do açaí da Mata Atlântica.

Uma palmeira imponente, que pode ultrapassar os 20 metros de altura.

E já te adianto: é difícil não se apaixonar por ela.

Cultivada em sistemas de agrofloresta, a juçara exige preservação para crescer forte, atrai vida com a riqueza de seus frutos, ajuda a manter o solo saudável e — pode pirar comigo agora — dispensa totalmente herbicidas e defensivos.

Se a palmeira juçara pudesse falar, talvez dissesse:

“Ou a gente ama a natureza junto... ou nem tente ter uma relação comigo!”

Dá pra entender por que me apaixonei, né?

Mas voltemos à nossa grande história.

Tudo começa com um pai: Cristiano Bortolotti — um homem, sem sombra de dúvidas, à frente do seu tempo.

Amante da natureza não apenas como sustento, mas como companheira.

Ao perceber o quanto as palmeiras juçara em mata fechada atraíam vida, resolveu trazer algumas mudas pro terreiro de casa. E ensinou aos filhos que a natureza devia estar por perto, não à parte.



FOTO RUAN KLEN

Os irmãos Pedro Bortolotti e Vicente Bortolotti

Essa semente nunca morreu no coração da família.

Especialmente nos filhos Pedro e Vicente Bortolotti, que cresceram cercados por palmeiras juçara, admirando e respeitando aquela planta como símbolo de vida, beleza e conexão com a terra.

Mas ainda havia algo escondido...

Um bônus que só viria com o tempo, nascido desse amor plantado por um pai que pensava em biodiversidade muito antes dessa palavra virar pauta recorrente.

Foi só alguém de fora perguntar:

“Ué... vocês nunca provaram isso aí?”

E pronto. O primeiro gole de juçara revelou sabor, energia, vigor — e uma oportunidade que até então ninguém via.

Sabe aquela máxima? “Depois que a gente vê, não tem como ‘desver’...” E mesmo que mais ninguém esteja vendo, você já viu.

Abriu-se um novo caminho para os irmãos Bortolotti.

Um caminho onde inicialmente só eles enxergavam valor. O fruto que caía todos os anos agora se mostrava potente.

No começo, vender polpa de juçara numa caixinha de isopor, ali mesmo na cidade, parecia maluquice.

Mas, meus amigos... toda grandeza precisa vencer a resistência do novo.

E se você me permitir, vou resumir tudo que a ação corajosa, ousada — e com uma dose cavalera de empreendedorismo — desses irmãos gerou: muito, muito mais do que polpa de juçara.

Hoje, cada um dos irmãos Bortolotti é proprietário de uma agroindústria de processamento da polpa da juçara — que, além de

abastecer o Espírito Santo, já chega ao Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e até ao exterior.

Rio Novo do Sul, terra da família Bortolotti, tornou-se oficialmente a Capital Estadual da Palmeira Juçara, com mais de 150 produtores que cultivam e têm na juçara uma importante fonte de renda.

Foi lá também que a gente acompanhou de perto a 4ª Festa da Palmeira Juçara.

É incrível pensar que aquela atitude de amor, vinda de um pai que plantou palmeiras no terreno de casa, hoje virou tema de festa e motivo de orgulho para todo um município.

Uma festa com música boa, gente animada e, claro, muita juçara nos estandes dos expositores locais.

Além da polpa, a juçara virou sorvete, massa, pipoca, molho especial e tantos outros produtos com o sabor marcante desse fruto.

Uma celebração do agro em sua totalidade de sentidos e valores. Uma festa que exalta cultura, renda e legado construídos ao redor da palmeira.

A juçara tem festa — e até rainha: uma representante entre as “Garotas Juçara”, escolhida para viver um reinado de orgulho e representatividade por um ano.

E no brilho daquela coroa, a gente enxerga mais do que um título de beleza. Vê uma homenagem à nobreza de quem cultiva com amor.

A pergunta que ecoa é inevitável:

“Acreditar em princípios que vão na contramão é devaneio ou é sonho realizado por quem cultiva com amor e verdade?”

A juçara inspira um agro que transpira biodiversidade e sustentabilidade. Que preserva a floresta para produzir, em vez de derrubá-la.

O que antes era exploração, hoje é conservação ativa.

E os sonhos de dois irmãos agora se misturam aos de uma comunidade inteira que cresce e prospera junto com a floresta.

Não sei dizer se o agro imita a vida ou se a vida imita o agro.

Mas, como uma boa semente plantada em solo fértil dá bom fruto, Rio Novo do Sul provou que uma semente de amor à natureza, cultivada com verdade e inspiração, pode gerar renda, cultura, orgulho... e até rainha!

Juçara: o fruto que não para, e cresce junto com a força e ousadia do agro capixaba.

Nos vemos na próxima história.

Ah...

Essa história virou episódio do Conexão Safra na Estrada. Assista no nosso canal do YouTube e veja de perto os detalhes dessa jornada inspiradora.

A juçara tem festa — e até rainha: uma representante entre as “Garotas Juçara”, escolhida para viver um reinado de orgulho e representatividade por um ano



COMUNICAÇÃO PREFEITURA DE RIO NOVO DO SUL

Arranjos Produtivos impulsionando a agricultura familiar capixaba

FOTOS DIVULGAÇÃO ALES



REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Na zona rural de Nova Venécia, na Região Noroeste do Espírito Santo, a cerca de 10 minutos do Centro da cidade, o agricultor familiar Geraldo Bueno sai de casa todos os dias, antes do sol nascer, e anda por cerca de 10 minutos, até chegar ao lugar que, para ele, é o paraíso. “Temos esse pedaço de terra desde 1988. Para mim é um privilégio. Aqui eu planto milho, planto café, planto abacaxi e várias outras coisas que garantem o sustento da minha família. Tenho orgulho de tudo o que fizemos aqui”, conta o homem, de 49 anos.

Geraldo compartilha seu pequeno paraíso com a esposa Berenice e o filho Davi, de 11 anos, que já ajuda os pais quando chega da escola. Enquanto um limpa a horta, o outro colhe abacaxi. Enquanto um confere o

crescimento do milho, o outro confere as sacas do café colhido dias atrás. “Nosso sustento vem de tudo o que produzimos aqui. Uma vez por semana trabalhamos vendendo alguns desses produtos na feira e também fornecemos alguns alimentos para merenda escolar do município”, completa Geraldo.

Esse exemplo de trabalho em família é visto em todo o território capixaba. O Espírito Santo tem cerca de 108 mil propriedades rurais, das quais 75% são de agricultura familiar, segundo um levantamento

da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (SEAG).

Uma grande novidade é que nos últimos meses, a Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales) também está contribuindo diretamente para o crescimento e fortalecimento da economia familiar rural. Em 2023, a Casa dos Municípios da Ales, em parceria com o Governo do Estado e apoio das prefeituras, iniciou o Projeto Arranjos Produtivos. Desde então, mais de um milhão de mudas foram entregues e cerca de vinte e cinco mil agricultores foram beneficiados.

Além de visar o aumento da produção e da renda, o projeto pretende reduzir o êxodo rural. A expectativa, com os investimentos oferecidos, é que especialmente os jovens, optem por permanecer em suas comunidades de origem, contribuindo com o trabalho familiar. Em muitos casos, são esses filhos, como Davi, que buscam a especialização oferecida pelo projeto, implementando soluções inovadoras e as melhorias necessárias nas propriedades de suas famílias.

“É importante mostrar a essa juventude que o campo oferece oportunidades de crescimento e melhoria de vida tão significativas quanto as encontradas nos centros urbanos. Quando proporcionamos condições adequadas e o estímulo



necessário, é possível não apenas garantir a continuidade do trabalho no campo, mas também o desenvolvimento a longo prazo”, contou a diretora da Casa dos Municípios, Joelma Costalonga.

Para alcançar seus objetivos de crescimento e fortalecimento, o projeto trabalha conscientização nas propriedades e opera em diversas áreas estratégicas, incluindo o associativismo, a coordenação de projetos, a coordenação técnica e o desenvolvimento da agroindústria. Segundo o presidente da Ales, Marcelo Santos (União), a próxima meta, apesar de ambiciosa, é expandir a atuação para abranger os 78 municípios capixabas.

“Essa é a grande riqueza do Arranjos Produtivos, que não é só entregar uma muda, não é só entregar o calcário, nem entregar o equipamento. O principal ativo que levamos para o homem e a mulher do campo é

conhecimento”, avalia o deputado estadual Marcelo Santos.

O deputado também destaca o importante papel da diversificação. “Sabemos que o preço da saca do café está muito bom, mas é importante que o produtor pense além da monocultura. Cultivando uma coisa só, ele corre riscos no caso de uma crise. Diversificando a produção, o homem e a mulher do campo terão mais alternativas de renda”, completou o chefe do Legislativo capixaba.

A última grande entrega do projeto aconteceu em Nova Venécia, no dia 9 de maio, onde mais de 20 mil mudas foram entregues para cerca de 60 agricultores. No município, será utilizada uma técnica de cultivo batizada de “pomar vivo”, na qual os agricultores recebem cinco tipos diferentes de fruta para diversificar a produção e ter possibilidade de colheita durante todo o ano. Serão mudas de goiaba, cajá, coco, abacate e frutas cítricas (como laranja, limão, pomelo ou tangerina ponkan).

A família Bueno - do Geraldo, Berenice e Davi - foi uma das

beneficiadas. “A técnica já está visitando nossa propriedade e passando orientações. Já estamos com tudo pronto para fazer o plantio e temos certeza que essas mudas vão fazer muita diferença na nossa vida”, disse a produtora Berenice Bueno.

Todos os serviços do projeto são gratuitos e o tipo de cultura adotada em cada município é escolhido após avaliação técnica, dependendo do solo e do clima da região. Nenhuma escolha é por acaso e sem ouvir a comunidade. “Em Águia Branca e São Domingos do Norte, por exemplo, o destaque é para o trabalho com as mudas de cacau. Em Itapemirim, por causa do clima e estilo de solo, o cultivo de acerola foi um dos escolhidos”, explica Joelma Costalonga.

ENTREGAS VÃO ALÉM DAS MUDAS

O Projeto Arranjos Produtivos vai além do fomento econômico e social, impulsionando também a adoção de práticas sustentáveis que beneficiam o meio ambiente. Ao mesmo tempo em que os agricultores familiares cultivam a terra para garantir o sustento e impulsionar a economia local, são incentivados a implementar técnicas de manejo que conservem os recursos naturais. A diversificação de culturas, o uso de sistemas agroecológicos e a recuperação de áreas degradadas são exemplos de como a produção agrícola pode coexistir harmoniosamente com a preservação ambiental, garantindo um futuro mais verde e próspero para as comunidades rurais.

Outra frente de atuação do projeto é a entrega de equipamentos agrícolas. Em Mantenópolis, na Região Noroeste, agricultores familiares receberam kits para a criação de abelhas exóticas e produção de mel. Composto por itens como macacão, fumigador, luvas, botas e 10 caixas para a produção de mel, o conjunto entregue gratuitamente aos produtores tem custo estimado de R\$ 6 mil no mercado tradicional.

Em Vila Valério cinco produtores receberam kits para a montagem de hidroponia. Nessa técnica, as plantas são

cultivadas sem solo e suas raízes recebem uma solução nutritiva balanceada que contém água e todos os nutrientes essenciais. O kit entregue tem equipamentos como tubos PVC, bomba centrífuga, caixas d'água brita, telhas e estacas.

Além dos kits para cultivo, o projeto também disponibiliza equipamentos como Secadores de Café, Tratores e Micro Tratores, Caminhões Baú, Basculantes, Carrocerias, Arados, Torradores, Roçadeiras e Tanques. É importante ressaltar que as associações e os agricultores que recebem esses equipamentos também são devidamente orientados sobre o uso correto e a conservação dos bens, garantindo a durabilidade e a eficiência dos implementos.

AGROINDÚSTRIAS E AGROTURISMO

O projeto ainda incentiva e dá condições para a regularização de agroindústrias. A consultora responsável pelo atendimento das agroindústria, Alessandra Vasconcelos explicou

que a consultoria é gratuita e os interessados recebem orientações sobre quais caminhos devem seguir para, por exemplo, receber as licenças necessárias para construção e funcionamento. “Cada empreendimento que a gente chega tem uma demanda diferente. A gente consegue atender toda a cadeia produtiva, independente da natureza do produto”, disse Alessandra.

Em alguns casos, o tipo de cultivo escolhido tem como objetivo incentivar o agroturismo. No Noroeste do Estado, na região mais alta de Colatina, foram entregues estufas para cultivo de morango. Em Brejetuba, na Região Serrana, foram entregues

mudas de uva. Dois tipos de cultivo que atraem muitos visitantes na época da colheita.

PRÊMIO NACIONAL

Em dezembro de 2024, o projeto Arranjos Produtivos foi campeão do prêmio “Assembleia Cidadã”, concedido e realizado pela 27ª Conferência da União dos Legisladores e Legislativos Estaduais (Unale), no Rio de Janeiro.

GOVERNO ESTADUAL VALORIZA INICIATIVA

O governador Renato Casagrande (PSB), durante a entrega do projeto Arranjos Produtivos em Nova Venécia, falou sobre a importância da iniciativa. “É um trabalho importante, porque é uma ação concreta. As mudas já estão aí, os insumos já estão aí e os técnicos já estão trabalhando. Tudo isso muda a vida de quem mora no campo, muda a vida de quem quer diversificar (a produção) e buscar outra renda. É uma oportunidade que a gente está ofertando à população capixaba e aos produtores rurais”, disse o Governador.

O vice-governador Ricardo Ferraço (MDB) destacou que a ação gera desenvolvimento para as famílias atendidas. “O que nos interessa é a geração de renda, de oportunidade e de trabalho para as pessoas. Nós estamos conseguindo colocar de pé, sob a liderança do governador Renato Casagrande, um projeto de desenvolvimento que inclui pessoas, que gera oportunidade para que as pessoas possam levar dignidade para suas famílias. A certeza é que nós estamos no caminho certo”, avalia Ferraço.



ALIMENTAR
O PRESENTE
e cultivar o
futuro no campo



BORA COOPERAR POR UM MUNDO MELHOR

Quando somamos esforços no campo, colhemos mais oportunidades e fortalecemos o agro, gerando impacto positivo para toda a sociedade. Não é à toa que a ONU escolheu 2025 como o Ano Internacional das Cooperativas. **E você? Vem com a gente cultivar um futuro mais justo?**



Saiba mais em
somos.coop.br



Ano Internacional
das Cooperativas

 Sistema **OCB/ES**
FECOOP/SULNE | OCB/ES | SESCOOP/ES
somos.coop.br

Espírito Santo bate recorde de crédito rural na safra 2024/2025 com alta de 23,6%

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA SEAG

O Espírito Santo registrou um crescimento expressivo de 23,6% nas aplicações de crédito rural, durante os primeiros 11 meses da safra 2024/2025, atingindo um volume recorde de R\$ 8,1 bilhões aplicados entre julho de 2024 e maio de 2025. O resultado contrasta com a média nacional, que teve retração de 14,4% no mesmo período. Os dados foram levantados pela Gerência de Dados e Análises da Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), com base em informações do Banco Central.

O aumento representa um acréscimo de R\$ 1,5 bilhão em relação ao mesmo período da safra anterior (2023/2024), que somou R\$ 6,6 bilhões. Ao todo, foram realizadas 41,9 mil operações, um avanço de 9,5% frente às 38 mil do ciclo anterior.

Esse desempenho é resultado do Plano de Crédito Rural do Espírito Santo para a safra

2024/2025, lançado em julho de 2024. A iniciativa é fruto de uma parceria entre os governos Estadual e Federal, e conta com a participação de instituições financeiras como Banco do Brasil, Caixa, Banestes, Sicoob, Sicredi, Cresol e Banco do Nordeste. O plano também está alinhado ao Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba (Pedeag 4 – 2023/2032), que tem como meta alcançar R\$ 12 bilhões em crédito rural anual até 2032.

“O Espírito Santo tem mostrado que é possível crescer com segurança e planejamento, mesmo diante de um cenário nacional adverso. O aumento nas aplicações comprova que nossos produtores estão confiantes e encontram no Estado um ambiente favorável para investir”, afirmou o secretário de Estado da Agricultura, Enio Bergoli.

MODALIDADES DE APLICAÇÃO

O crédito rural é destinado para finalidades específicas: investimento, custeio, comercialização e industrializa-

lização. O valor aplicado em custeio teve crescimento de 23,1%, subindo de R\$ 2,7 bilhões para R\$ 3,4 bilhões. O custeio cobre as despesas inerentes a um ciclo de produção, podendo ser utilizado desde o beneficiamento da produção até o armazenamento.

Já no investimento, teve crescimento de 20,7%, passando de R\$ 2,1 bilhões para R\$ 2,6 bilhões. O investimento é o valor que pode ser utilizado em reformas, construções, obras de irrigação ou na compra de equipamentos para a propriedade rural, entre outros itens.

Na modalidade de comercialização, o crescimento foi de 29,8%, passando de R\$ 1,7 bilhão para R\$ 2,1 bilhões. O crédito comercialização auxilia na venda dos produtos no mercado.

Na modalidade de industrialização, o valor reduziu 110%, saindo de R\$ 79,2 milhões para R\$ 71,3 milhões. O crédito industrialização é voltado para industrialização de produtos agropecuários.

Na proporção do valor aplicado, o custeio representa 41,1%; o investimento, 31,7%; a comercialização, 26,3%; e a industrialização 0,9%.

As análises comparativas são referentes ao período de julho de 2024 a maio de 2025 ante ao mesmo período do ano-safra anterior.





UM ESPÍRITO SANTO MELHOR A CADA DIA

Para onde você olha, para onde você vai. Em cada canto, o Espírito Santo está melhor a cada dia. Melhor para quem vive, de norte a sul. Melhor para quem visita. Melhor para quem vem e, acredite, aqui fica. Um lugar com presente e futuro de encantos, com tudo para encantar você também.

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO





Guilhermino Netto
Diretor do Viveiro Terra Viva

CULTIVARES: ESCOLHA BEM E ACERTE O ALVO

A escolha da cultivar é o primeiro grande passo para o sucesso da lavoura. Conheça os critérios, os desafios e os acertos que fazem a diferença entre o risco e a produtividade na cafeicultura moderna.

"Eu sou um homem de estrada." Assim começa minha história. Já percorri milhares de quilômetros entre as regiões cafeeiras do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e Rondônia. E se tem algo que aprendi nesse caminho, é que uma lavoura de sucesso começa com uma escolha certa — a escolha da cultivar.

Cultivar é direção. Quem planta o que tem, colhe o que vier. Mas quem escolhe com critério, acerta o alvo: produtividade, resistência, qualidade e mercado.

PLANTAR COM PROPÓSITO: POR QUE A ESCOLHA DA CULTIVAR É ESTRATÉGICA

Na prática, a cultivar define o potencial da lavoura diante das condições de solo, clima, manejo e objetivos comerciais. Uma escolha bem feita significa mais do que produtividade: representa longevidade da lavoura, redução de perdas com pragas e doenças, e melhor aproveitamento da irrigação e da mão de obra.

Por outro lado, um erro custa caro. É o custo invisível de quem planta sem critério. A lavoura não prospera, os tratos culturais aumentam, o desânimo chega — e o prejuízo também.

QUAIS SÃO OS "ALVOS" QUE O PRODUTOR PRECISA ACERTAR?

Escolher uma cultivar exige visão técnica e estratégica. Os principais pontos a considerar são:

- Solo e clima: altitude, temperatura média, fotoperíodo, tipo de solo e histórico da área.

- Manejo disponível: irrigação, adubação, mão de obra e capacidade de investimento.

- Mercado: café especial, commodity, produção para indústria ou exportação.

- Sustentabilidade: longevidade da lavoura e adequação a sistemas regenerativos ou orgânicos.

- Mecanização: cultivares adaptadas à colheita mecanizada, com arquitetura favorável, reduzem custos e aumentam a eficiência.

- Casos que inspiram: o Arara nas Montanhas e o Recorde no Conilon.

No Viveiro Terra Viva, os aprendizados vêm do campo. Um exemplo é o sucesso da cultivar Arara nas Montanhas Capixabas, em altitudes acima de 900 metros.

O produtor Waiank Delpupo, por exemplo, começou testando algumas plantas da cultivar. Após ver os ótimos resultados, decidiu expandir. Este ano, ele e sua família estão colhendo uma safra que os enche de orgulho.

Outro destaque é o produtor Marcelo Fraisleben Jr., que escolheu cuidadosamente seus

clones de Conilon. Com apoio técnico e uso de tecnologia em campo, alcançou resultados expressivos — próximos a 200 sacas por hectare. Marcelo e Waiank compraram nossas mudas que oferecem origem certificada de sementes e estacas clonais oriundas de jardins clonais sadios. Essa decisão foi um divisor de águas para a produtividade de suas lavouras.

COMO FAZER UMA BOA ESCOLHA?

Costumo resumir em quatro passos:

1. Avalie o banco genético regional. Priorize materiais validados por instituições como Procafé, Incaper, Embrapa e universidades.

2. Comece pequeno. Faça testes em áreas controladas antes de ampliar.

3. Escolha viveiros certificados. Exija rastreabilidade, sanidade e orientação técnica.

4. converse com quem já plantou. Mas analise com senso crítico e adapte à sua realidade.

ENCERRAMENTO: MIRAR O FUTURO COM SEGURANÇA

Escolher a cultivar é decidir o futuro da lavoura pelos próximos 10, 15 anos. Não dá pra escolher no chute. Estude, ouça quem sabe, experimente — e mire no alvo. Porque na cafeicultura, quem escolhe bem, colhe com direção.

O P O R T U N I D A D E !



Credenciamento

Prestadores de Serviço

Senar-ES

Inscrições abertas para:

✓ Técnicos de Enfermagem

✓ Instrutor

✓ Enfermeiros

✓ Técnicos de Campo ATeG



Faça parte da transformação
que o Senar-ES promove no campo!



ACESSE O SITE E
CONHEÇA OS EDITAIS!

www.dematech.io/credenciamento-empresas/senar-es

 **SENAR**
Espírito Santo

 faes.senares 27 3185 9226



Crédito Rural

Banestes



Parceiro para Crédito | Investimento | Custeio

O Banestes entende como são os desafios no campo, e que ter um parceiro faz toda a diferença. Por isso, estende a mão para apoiar você, produtor rural, desde o início do plantio até a comercialização, oferecendo crédito com agilidade e facilidade.



**Seu
parceiro
no campo
para:**

- Custeio agrícola e pecuário;
- Aquisição de maquinários e animais;
- Investimentos em infraestrutura e tecnologia.

Venha tomar um cafezinho com o gerente. O Banestes está de norte a sul do Espírito Santo e, principalmente, de porteira e coração abertos para apoiar você.